

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas á margem em varios livros da sua bibliotheca*, recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol. br. 600 rs.; enc. 900.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galleria*, por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo, br. 1\$700 rs.; enc. 2\$400 rs.

Poesias diversas de Camillo Castello Branco — 1 vol. de 247 pag. de linho nacional. Tiragem 48 ex., br. 6\$000 rs.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reprodução zingografica da 1.^a edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 ex., br. 2\$500 rs.

Os pundonores desagradados, por Camillo Castello Branco. Reprodução como acima da 1.^a edição de 1845. Também rarissima. Tiragem 60 ex., br. 1\$000

Prefacio da 1.^a edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco. — Fl. 1\$000.

COLLECCÃO ECONOMICA

Volumes in-16.º de 240 a 320 paginas

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 150 réis o volume

VOLUMES PUBLICADOS

- | | |
|---|---|
| 1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A. Daudet. | 10 — Esgotado. |
| 2 — Esgotado. | 11 — Esgotado. |
| 3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet. | 12 — Esgotado. |
| 4 — Esgotado. | 13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget. |
| 5 — Soror Philomena, por Edmond e J. Goncourt. | 14 — Esgotado. |
| 6 — Esgotado. | 15 — Esgotado. |
| 7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot. | 16 — Esgotado |
| 8 — Esgotado. | 17 — Esgotado. |
| — Esgotado. | 18 — O ultimo amor, por Ohnet. |
| | 19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneff. |
| | 20 — Memorias d'um suicida, por Maxime de Camp. |

- 21 — Esgotado.
 22 — Esgotado.
 23 — Camilla, por G. Ginisty.
 24 — Trahida, por Maxime Paz.
 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
 26 — Esgotado.
 27 — Os reis no exilio, por A. Daudet.
 28 — Esgotado.
 29 — Mentiras, por Paul Bourget.
 30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
 31 — Esgotado.
 32 — A Evangelista, por Daudet.
 33 — Aranha vermelha, por R. de Pent Jest.
 34 e 35 — Esgotado.
 36 — Parisienses!... por H. Davenel.
 37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
 38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmiento.
 39 — Esgotado.
 40 — Esgotado.
 41 — O abade de Favières, por J. Ohnet.
 42 — Esgotado.
 43 — Esgotado.
 44 — A nihilista, por C. Mendés.
 45 — Esgotado.
 46 — Morta de amor, por Delpit.
 47 — João Sbogar, por C. Nadier.
 48 — Viagem sentimental, por Sterne.
 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
 50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
 51 — Esgotado.
 52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
 53 — Amor de Miss, por J. Blain.
 54 — A sogra, por Laforest.
 55 — Colomba, por P. Merimée.
 56 — Katia, por L. Tolstoi.
 57 — Alma simples, por Dos-toiewskv.
 58 — Duplo amor, por Rosny.
 59 — Contos fantasticos, por Hoffmann.
 60 — A princeza Maria, por Ler-montoff.
 61 — Rosa de maio, por Ar-mand Silvestre.
 62 — Esgotado.
 63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
 64 — A das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
 65 e 66 — Nemrod & C.^a, por Jorge Ohnet.
 67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
 68 — Historia d'uma mulher, por Guy de Maupassant.
 69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
 71 — Depois do amor, por Ohnet.
 72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
 73 e 74 — O herdeiro de Red-clyffe, por Mrs. Yongue.
 75 — Uma ondina, por Theuriet.
 76 — A familia Laróche, por Marguerite Sevray.
 77 — As grandes lendas da hu-manidade, por d'Humive.
 78 e 79 — A filha do Dr. Jau-fre, por Marcel Prévost.
 80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
 81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
 82 e 83 — O Destronado, por A. Ribeiro.
 84 — Ninho d'amor, por A. Cam-pos.
 85 — Bodas Negras, por Alma-chio Diniz.
 86 — Do amor ao crime, por Al-phonse Karr.
 87 — A ilha revoltada, por Ed Lockroy



OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXIX

AS VIRTUDES ANTIGAS

UM POETA PORTUGUEZ... RICO!

VOLUMES PUBLICADOS

- I — Coisas espantosas.
- II — As tres irmans.
- III — A engeitada.
- IV — Doze casamentos felizes.
- V — O esqueleto.
- VI — O bem e o mal.
- VII — O senhor do Paço de Ninães.
- VIII — Anathema.
- IX — A mulher fatal.
- X — Cavar em ruinas.
- XI } Correspondencia epistolar.
- XII }
- XIII — Divindade de Jesus.
- XIV — A doida do Candal.
- XV — Duas horas de leitura.
- XVI — Fanny.
- XVII }
- XVIII } Novellas do Minho.
- XIX }
- XX } Horas de paz.
- XXI }
- XXII — Agulha em palheiro.
- XXIII — O olho de vidro.
- XXIV — Annos de prosa.
- XXV — Os brilhantes do brasileiro.
- XXVI — A bruxa de Monte-Cordova.
- XXVII — Carlota Angela.
- XXVIII — Quatro horas innocentes.
- XXIX — As virtudes antigas — Um poeta portu-
guez... rico!

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AS VIRTUDES ANTIGAS

OU

A FREIRA QUE FAZIA CHAGAS, E O FRADE QUE FAZIA REIS

UM POETA PORTUGUEZ... RICO!

SEGUNDA EDIÇÃO



LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 50, 52 e 54

1904

LISBOA

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a vapor

DA

Parceria Antonio Maria Pereira

Rua dos Correios, 70 e 72, 1.º

1904

RASÃO DA OBRA

Quando os vícios modernos tiram do intimo de certos peitos suspiros saudosos das virtudes d'outr' hora, não motejo a ignorancia dos que suspiram, por que elles, por via de regra, apenas são hypocritas; o que faço é comprazer-me de recordar com elles certas «virtudes antigas» á feição d'uma muito nossa portugueza que deu brado no começo do seculo xvii, e aqui se reproduz desluzida de vernizes românticos. A outra do frade suggeriu-m'a o haver lido, pouco ha, em uma gazeta religiosa, que fr. Miguel dos Santos, o enforcado em Madrid, «era veneravel por suas virtudes patrioticas.» Leiam, e venerem-no os que poderem.

O AUTHOR.

A FREIRA QUE FAZIA CHAGAS

... No le faltó para del todo ser bienaventurada en este mundo, sino que se muriera entonces. O' que gran santa tuviera el infierno ! O' que gran santa ha perdido la Iglesia Romana !

CIPRIANO DE VALÉRA. *Dos Tratados...*
pag. 574, edic. de 1599.

Mavioso e commovente espectáculo ! Sublim.
lance de fé!...

Ver o duque de Medina Sidonia, D. Alonso Pêres de Guzman, o general da armada «invencivel», sair do mosteiro d'umas pobres dominicas de Lisboa, com a bandeira enrolada, para a qual convergiam os olhos de milhares de pessoas, conclamando: «A santa abençoou a bandeira ! Viva a freira santa !...»

E o duque de Medina Sidonia, dado que desconhecesse theorica e praticamente a sciencia naval, cobrou tamanho alento e esperança com a benção e profecias da prioreza da Annunciada, que já Isabel de Inglaterra se lhe pintava na valente fantasia pedindo piedosamente a vida ao filho de Carlos V,

potentado, em cuja frente a Providencia sobrepu-
nha os diademas.

Recaldes e Moncada, famosos officiaes do mar, educados na escola e serviço do marquez de Santa Cruz, maximo almirante do seu seculo, ladeavam o general, sorrindo incredulamente das crenças do duque, e das devotas berrarias do povoleo, afer-ventadas por declamações de frades.

Os dois bravos hespanhoes tinham por equal a mesma fé assim na pericia do general que nas bençãos e predições de sorrer Maria da Visitação. Prestaram-se ao apparato processional da cerimonia: é que Filippe II assim o mandara. A lembrança de ser benzido pela freira santa o estandarte dos leões, enviados a empolgarem a carôa de Isabel, promanara d'el-rei. Não teria o usurpador, em Castella, santas do mesmo tomo que lhe fadassem o guião da armada invencivel? Seria mero acto politico, ardil da onça do Escorial contrafeita em raposa? Traçaria com o acto piedoso embellecar os portuguezes orgulhosos da sua santa?

Não, senhores.

E' que realmente a peninsula não tinha outra santa como a prioriza das dominicas da Annuncia-
da, sem embargo de co-existirem outras igualmente apregoadas. Com as chagas de Christo gravadas

nos pés, nas mãos, e no lado a ressumar sangue ás sextas feiras, e a cabeça tambem ferida como a do Salvador coroado de espinhos, era Maria da Visitação a unica.

Filippe II creu como creram os prelados, o nuncio, os theologos, os sabios do seu tempo.

Que importava a pequenez da armada? Cento e quarenta e seis navios, tripulados por oito mil marinheiros, com dezeseis mil e trezentos soldados, e mil e quinhentas bocas de fogo, eram força que, alardeando-se *invencivel*, estava perto de ser irrisoria.

Em que estribava pois o invasor a sua confiança?

Na benção da bandeira, ao que parecia, e nos vaticinios da santa, conjunctamente.

Além de quê, a causa era muito da religião catholica. Maria Stuart, a suppliciada, no dizer do padre Ribadenera, seu eloquente apologista, estava no céu como todas as martyres; e a filha de Henrique VIII ardia já batida pelo reflexo do inferno, cujos alçapões se abririam logo que o conto da albarda castelhana tocasse terra ingleza.

Lá vae por tanto a armada escumando as ondas. A bandeira da benção arfa no castello de prôa da não almirante. Bafejavam-na as brisas do Tejo, na formosa manhã de 27 de maio de 1588.

II

E a prioriza da Annunciada era uma velhinha gotosa, entrevadinha, adelgada por jejuns, osso e pelle, descarnada por cilícios?

Minhas senhoras, não era.

A prioriza das dominicas era uma bonita mulher com trinta e sete annos de idade.

— Quem lhe disse a você que ella era feia ou bonita?

Minha incredula senhora, rasão tem vossa excellencia de suspeitar que eu esteja inventando bellezas para a santa que floreceu ha duzentos e oitenta annos. Mente-se muito, a respeito de santas, no artigo formosura e n'outros; mas, d'esta feita, consinta vossa excellencia em me acreditar, por que lh'o digo authorisado por fr. Luiz de Sousa,

frade verdadeiro que vossa excellencia conhece do formoso drama de Almeida Garrett. Pois da priora reza elle assim, nos termos melindrosos e medidos de que usava em materia de belleza feminil: *Tinha soror Maria sobre os mais dotes da natureza um semblante amavel, acompanhado de tal geito e brandura que criava nos animos de quem a via respeito e affeição.*¹

Aqui está. Manuel de Sousa Coutinho, o cavalleiro-poeta, diria coisas mais encarecidas da perigrina senhora; mas Luiz, o frade, não ousaria sem rebates de escrupulo dizer, d'um rosto de freira, *semblrnte amavel... de tal geito e brandura, que criava nos animos affeição.*

Intendo que devia ser em extremo linda. Tantos retratos d'ella correram mundo, e não ha quem tenha um!... Vossa excellencia saberá logo que triste destino levaram os retratos de Maria da Visitação.

Fr. Luiz de Sousa não nos conta a genalogia de Maria. Altas e mysteriosas rasões teria para omissão de tal porte. Se teve!... Logo liquidaremos tudo.

Do silencio do frade causou-se-me a mim a desagradavel canceira de investigar ineditos de ha dois

¹ *Hist. de S. Domingos.* Part. III. pag. 46, edic. de 1767.

seculos e meio para descobrir sobre o certo a progenie da freira que benzeu o pendão da armada invencivel. ¹

Maria de Menezes, monasticamente chamada «da Visitação» era parenta das mais fidalgas familias de Portugal. Seu pae, D. Francisco Lobo, nascera quarto filho de D. Diogo Lobo, barão de Alvito, e de sua mulher D. Joanna de Noronha, filha de D. João d'Almeida, segundo conde d'Abrantes. D. Francisco, pae de Maria, foi commendador do Rio Torto, senhor das saboarias de Torres Vedras, Soure e Pombal, do conselho d'el-rei D. João III, e embaixador de Carlos V.

A mãe da santa chamou-se D. Branca de Menezes, filha de Antonio Telles de Menezes e de D. Isabel d'Athayde.

Teve Maria quatro irmãos: D. Manuel, D. Diogo, D. Antonio e D. Affonso; e duas irmãs, sendo uma D. Isabel de Menezes, que casou com André de Sousa, Senhor do Vouga e alcaide-mór de Arronches, por morte do qual, a viuva professou no mesmo convento da Annunciada.

¹ Antonio Caetano de Sousa teve a audacia de estampar na *Hist. Genealog.* os appellidos dos ascendentes da religiosa.

III

Aos dez annos de idade, Maria entrou no claustro. ¹ O mosteiro da Annunciada era, n'aquelle tempo, o receptaculo das senhoras de primacial linhagem.

Professou aos dezasete annos ; e, aos trinta e um, foi eleita prioreza. Prelada na flôr dos annos, ali, n'aquelle austero mosteiro, onde era uso exhibir provas de santidade no decurso de sessenta e mais annos para ganhar os suffragios da prelazia ! Notavel, senão descommunal devia de ser a benemerencia de Maria para tamanho galardão !

¹ Fr. Luiz de Sousa escreve *doze*; mas, com mais certeza, Maria entrou no convento entre nove e dez annos.

Com que sedutoras virtudes ganhara a freira os corações da communidade?

Permanecia muitas horas no côro; frequentava a miudo os sacramentos; alava-se por extasis e raptos; conversava rosto a rosto com Jesus, com a Virgem, e varios santos; ao côro e á cella enviava-lhe o sol mystico dos anjos uns estranhos resplendores de luz sobrenatural; mostrava por sobre tudo na cabeça os signaes da corôa, nos pés e mãos e lado as chagas do Divino Esposo.

Se sobejavam motivos para adoral-a como a santa, que muito foi elegerem-na prioriza?

Até a voz publica, a cidade, toda Lisboa maravilhada pedia em clamores piedosos que se dêsse a prelazia á freira santa. A infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, frequentava a cella da monja, pedia-lhe orações e recommendava ás outras que investissem o baculo na mimosa do Senhor, já que tanta ventura o céu lhes concedera enviando o seu anjo áquella casa.

Sucedeu, porém, que no mesmo mosteiro professassem duas meninas da mesma idade de Maria, ou pouco menos, muito fidalgas e nada menos que filhas de Fernão d'Alvares d'Andrade, fundador do convento, e ministro d'el-rei D. João III. Chamavam-se Maria de Jesus e Isabel de Santa Maria.

Não pudémos averiguar a causa do desamor que as duas Andrades tinham á Menezes, e reciprocamente, desde a primeira mocidade em que se conheceram no convento.

Odiavam-se; e todavia todas tres eram santas.

Vejam o que diz o historiador já referido a respeito de uma das filhas de Fernão d'Alvares: «Na pobreza da cella imitava bem o seu Bautista; por que não só não havia n'ella cousa de apparatus; mas, o que muito espanta, nem uma esteira teve nunca para se assentar. Todas suas alfayas se resolviam em um pedaço de taboa, ou cortiça, que lhe servia de estrado, cama pobrissima... dois ou tres livros espirituaes sobre um escabello, e de vestido só aquillo que não podia escusar, etc.»

E, no tocante á salvação de sua alma, basta-lhe o abono do mestre fr. Gaspar Leitão, confessor d'ella, o qual disse a fr. Luiz de Sousa que «tinha por certo que, sem momento de purgatorio, passara aos bens da gloria; por que, segundo o juizo que podia fazer de suas confissões, nunca perdera a graça baptismal.»¹

Da mana d'esta freira, bem que menos encarecida, basta saber-se o referido pelo mesmo austero

¹ *Hist. de S. Domingos.* Part. III, liv. I, cap. V.

biographo: «Isabel de Santa Maria... religiosa de muito ser...» etc.

Prodigiosa incoherencia! Estas duas tão reformadas e mortificadas religiosas tinham um cãosinho com que brincavam; e Maria da Visitação, a outra santa, que não perdia lanço de amofinal-as, assim que via o cachorro, murmurava, enxotando-o: «passa fóra, *Fernão d'Alvares!*» Como sabem, o pae das suas inimigas chamava-se Fernão d'Alvares.

As Andrades não podiam conformar-se ao boato de santidade que Maria da visitação grangeara dentro e fóra do convento. Queixavam-se á prioriza, e eram admoestadas. Referiam a seu irmão fr. Fernando de Santa Maria o insulto de chamar ao cãosinho *Fernão d'Alvares*, e o frade assim mesmo não se atrevia a encontrar a opinião geral. ¹

¹ As duas freiras eram tambem irmãs do insigne orador sagrado Diogo de Paiva d'Andrade, do chronista Francisco d'Andrade e do insigne asceta fr. Thomé de Jesus, e bem assim da condessa de Linhares D. Violante. O bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre, em uma nota á *Memoria historica e critica ácerca de Luiz de Camões e suas obras* (pag. 37, edição de 1848) equivocadamente escreve que a filha de Fernão d'Alvares d'Andrade, D. Violante, era «tia do chronista Francisco d'Andrade, de Diogo de Paiva d'Andrade e de fr. Tho-

Assim que souo a novidade de apparecerem na cabeça de Maria umas bostellas significativas de milagrosa operação de espinhos, as duas irmãs avencaram-se muito secretamente na traça de abrir no tabique da cella um buraquinho por onde pudessem espreitar o que a outra fazia.

O que ellas entreviram foi bastante para se afoitarem a dizer que Maria da Visitação era impostora. Correu a denuncia tão desacceita e censurada que d'ahi resultou ás curiosas mui severas reprehensões e duros castigos; por que, ao mesmo tempo, a calumniada de impostora, no dia 7 de março de 1584, mostrava as mãos com os signaes das chagas de Christo, e clamava que o Divino Esposo lh'as dera.

Esta nova, diz fr. Luiz de Sousa, «chegou a elrei, e passou ao papa, correu toda a christandade. Acudiam de toda a parte, como a gente portugueza é tão pia, offertas grossas e muitas que enriqueciam a casa.»¹

As Andrades aturaram por quatro annos os rigo-

mé de Jesus». Irmã dos tres douttissimos luminares do seu seculo é que ella era. Vej. *Hist. Genealog. em Andrades*; e fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos*. Part. 3.^a, cap. V.

¹Ibid. cap. XI.

res aggravados pela auctoridade da sua inimiga, eleita prioreza; quando, porém, fr. Alberto Agayo, castelhano, vigario geral da provincia dominica, visitou o convento da Annunciada, as perseguidas queixaram-se, e o frade attendeu-as.

Mandou chamar a prioreza, ameaçou-a de descobrir o embuste, se ella persistisse em o não confessar, e ordenou-lhe que descesse á grade da communhão para lhe examinar as chagas, e sujeital-as a um lavatorio.

Foi a santa; e taes coisas disse de envolta com suspiros e lagrimas, que o vigario geral, longe de a submeter á experiencia do sabão, saíu commovido, crente, e não voltou.

Zelosa de seus creditos aleivosamente injuriados, a santa requereu ao famoso fr. Luiz de Granada que se dignasse exercitar por suas virtuosas mãos a experiencia. Estava quasi cego o santo amigo de fr. Bartholomeu dos Martyres. Sem embargo, accedeu aos rogos da freira; ella, porém, taes contorções e queixumes de dorida fez e gemeu, que o ancião levemente lhe tocou, e saíu convicto do milagre. Então é que recresceram os creditos da esposa querida do Senhor que tanto lhe queria, aquinhoando-a de suas chagas e dores.

E as Andrades já não tinham por si freira nem

frade que as escutasse a diffamar a provada e inabalavel virtude da santa.

Não obstante, as incredulas, graças á sua nobreza e valia na casa fundada por seu pae, instavam em dizer que Maria pintava as chagas e os cravos.

Queixaram-se a Xisto Fabri, geral da ordem.

Quiz elle pessoalmente examinar as chagas. «Começando o lavatorio... correram rios de lagrimas, palavras e geitos significadores de dores immensas e taes que... cobraram o coração ao bom padre...»¹

Maiores honras depois d'esta suprema prova e graves penas cominadas ás delatoras da impostura.

Chega o anno de 1588.

A bandeira benzida pela santa é dilaceçada, a tempo que as náos da armada «invencivel» de Philippe II são feitas pedaços em vergonhosa derrota. As profecias de Maria da Visitação, que já corriam impressas e commentadas, com adorno do retrato no lance de cruzar a benção sobre o estandarte, repete-se na peninsula com escarneo, e offendem a christã seriedade dos inquisidores. O archiduque

¹ *Fr. Luiz de Sousa. Loc. cit. cap. xi.*

Alberto, inquisidor geral e governador do reino manda ao tribunal da fé que averigue.

Agora, Maria, cahistes em garras purificantes !
Forçoso é que sejas santa, e se não és, sel-o-has á força !

IV

Em 9 d'agosto de 1588 entraram na portaria do convento da Annunciada D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, fr. Agostinho da Cruz, arcebispo de Braga, o dr. Paulo Affonso, do conselho d'el-rei, o celebre Jorge Serrão, da companhia de Jesus, Antonio de Mendonça, Diogo de Sousa, Lopo Soares de Albergaria, conselheiro, todos tres deputados da mesa do santo officio, e os padres fr. Diogo Ramires e fr. Juan de las Cuebas dominico e confessor do archiduque governador.

Mandaram chamar determinadas testemunhas, e nomeadamente as filhas de Fernão d'Alvares de Andrade. Unanimes depuzeram todas que as chagas de soror Maria da Visitação eram simuladas, e lh'as tinham visto pintar, espreitando-a por um

•

buraco da porta de uma casa onde ella fazia os negocios da communitade e algumas vezes pernoitava.

Despedidas as testemunhas, foi citada para comparecer Maria da Visitação.

Entrou a religiosa com respeito quebrado mas sereno, sorriso imperturbavel de santa que festeja as delicias do soffrimento e o martyrio das injuriosas desconfianças.

Mandaram-na declarar com juramento a verdade das queixas e supposições que corriam por sua conta no mosteiro, precedido o juramento de brandas admoestações attinentes ao bem da sua consciencia.

Maria inclinando um pouco a fronte, e cruzando os braços sobre o habito, respondeu com firmeza :

— Entre nove e dez annos entrei n'este mosteiro, professei aos dezeseite, e ao presente tenho trinta e seis. Ha doze ou treze annos que tenho na cabeça os signaes da corôa de espinhos, que nosso Senhor me deu, estando eu no côro affligida orando.

— Então como foi isso ? — perguntou o arcebispo de Braga — como lhe fez nosso senhor presente da sua corôa ? ¹

¹ O dialogo é tirado do textual relatorio que precedê a sentença, que possuo manuscripta.

— Apareceu-me o Senhor com uma corôa de espinhos muito grossos na cabeça, e eu lhe pedi que me dêsse aquellas dôres e chagas, porque as merecia por meus peccados; e sem demora, o Senhor me poz a corôa, e dos espinhos me ficaram impressos os signaes e grandes dôres...

— E as dôres continuaram? — atalhou um deputado do santo officio.

— Todas as sextas-feiras, mas não tanto como ao principio.

— E o que nos diz soror Maria de uma chaga que tem no lado? — inquiriu o arcebispo de Lisboa.

— Tenho a chaga no lado esquerdo.

— Foi tambem Jesus Christo que lh'a deu?

— Sim, senhor.

— Quando?

— Em 1574, em uma quarta-feira de trevas. Aca-bava eu de me confessar, e ardia em desejos de tomar o Santissimo Sacramento; mas receava de o pedir por haver muitas occupações na igreja; e, estando eu com estes desejos, vi milagrosamente abrir-se por si o sacrario onde estava o Santissimo Sacramento, e d'elle saiu uma particula resplandecente, rodeada de claridade, e me entrou na bocca acompanhada de anjos muito formosos.

— E está vossa madre bem sobre o seguro de ter visto isso? — tornou o arcebispo.

— Vi tudo com os meus olhos corporaes.

— Mas a chaga? — insistiu D. Miguel de Castro.

— A chaga? ah!... é o que eu ia dizer a vossa illustrissima reverendissima. D'alli fui ao côro alto ajudar á missa do dia, e no fim d'ella vi em revelação Christo nosso Senhor com cinco chagas de claridades muito resplandecentes, que lhe saíam do logar das cinco chagas; e o raio que saía do lado era vermelho como sangue, e com elle fui ferida no lado esquerdo, e com tanta dor que me fez despertar; e, quando acordei, desapareceu a visão, ficando-me o lado aberto, donde me sahiu muito sangue. Esta abertura durou me quinze dias continuos a escorrer sangue; e depois que se fechou a chaga, ficou-me um signal vermelho; mas depois que me appareceram os signaes nas mãos e pés, o lado se me abre todas as sextas-feiras, e sangra.

— E' funda a chaga? — interveio outro inquisidor.

— Segundo as dôres que sinto, parece penetrante a chaga.

— E o que nos conta a respeito das cinco gotas que deita a ferida?

— Pondo eu um panno em cima, vem estampa-

das n'elle cinco gotas de sangue em fórma de cruz.

— E as chagas de pés e mãos tambem lh'as deu o Senhor?

— Communicou-m'as o Divino Esposo em dia de S. Thomaz d'Aquino, aos 7 de março de 1584.

— Queira contar-nos em miudos esse terceiro milagre — disse o jesuita Jorge Serrão.

— Sai de matinas do côro e recolhi á cella. Abraçei-me a uma cruz que lá tenho, e, estando quasi arrebatada, ouvi uma voz muito suave que me chamou pelo meu proprio nome de Maria, e acordando vi com os olhos corporaes a Jesus Christo nosso Senhor em fórma humana, posto em uma cruz muito formoso, acompanhado de S. Domingos. D'elle saíram então cinco raios muito resplandecentes, com os quaes fui ferida nas mãos, pés, e no lado segunda vez, e em todos estes cinco logares fiquei com muitas dôres.

— E os cravos? — instou o jesuita — foi tambem o Senhor?

— Deu-m'os ao mesmo tempo.

— Mas sou informado que muitas pessoas lhe viram o rubor das chagas e não viram os signaes roixos das cabeças dos cravos.

— As outras pessoas não m'os viam; mas eu

sim. Depois do dia de Santa Cruz, em setembro do dito anno, é que as chagas não tiveram mais alteração, e são sempre da mesma maneira, na fórma, grandeza, côr e lugar; nas costas das mãos em fórma de escudo, e nas palmas de feição ovada; e ás quartas e sextas-feiras são mais vermelhas e as dôres maiores; e, quando então me apertam as mãos, fazem-me dores intensas e sae sangue das chagas; e os pés, se eu ando um pouco mais, ficam muito escandalizados. Os cravos ao principio eram pequeninos; depois cresceram.

— Teve mais algum encontro com Jesus Christo em figura humana?

— Sim senhor. Nove dias antes do dia de S. Thomaz, estava eu na minha cella, quando Nosso Senhor Jesus Christo, vestido de roupas resplandecentes, me disse que me aparelhasse para receber d'elle uma grande mercê no dito dia, e não me declarou em particular que mercê havia de ser. Mandou-me o Divino Esposo que fosse contínua na oração, e tivesse profunda humildade, e pedisse licença a meus superiores para commungar nove dias a oito, que Elle lhes mandaria dar-m'a. E assim foi: confessei-me e recebia o Sacramento nove dias a fio.

— Informam-nos que a nossa madre tinha frequentes arrebatamentos... — voltou o jesuita.

— E' verdade : tive-os antes de ter as chagas e depois de as ter; e são maiores nos dias das festas principaes, e todas as vezes que acabo de commungar, ou me fallam das coisas do Divino Esposo.

— E que sente n'esses raptos ?

— Não vejo, nem oiço, nem sinto coisa que me cause dôr; até creio que, se me mettessem um prego pela carne, o não sentiria; mas, se por obediencia, me mandam que desperte, logo o faço; não sei a causa d'isto; mas parece-me que quem me tem arrebatada e presa me solta; e em quanto assim estou arrebatada, vontade e entendimento estão livres, mas cheios de Deus; e assim passava cinco e seis horas, antes de ser prelada; mas, depois que o sou, passam depressa.

— E sentia-se levantada nos ares ?

— Muitas vezes.

— E como o conhecia, se já nos disse que não sentia, nem ouvia, nem via...

— Conhecia, quando despertava, depois de cair no chão.

— Ah! — obtemperou o padre Jorge Serrão, e proseguiu no interrogatorio que os demais inquiridores pareciam tacitamente delegar no conspicuo jesuita: — E umas estranhas claridades que apparecem na sua cella, sem saber-se d'onde provém...

queira dizer-nos a senhora madre prioriza o que pensa d'essas claridades milagrosas.

— Eu não vejo as claridades senão quando desperto, e entendo que a claridade é a do Esposo Divino que está presente, pelas mercês interiores que recebo.

— Queira dar-nos alguma conta das suas revelações.

— Uma d'ellas foi— respondeu sem detença a interrogada— que, pedindo eu a nosso Senhor que fizesse mercê a um padre da minha ordem, e meu confessor, de o livrar das penas do purgatorio, d'ahi a quatro ou cinco dias depois do seu fallecimento, estando eu recolhida na minha cella e arrebatada, ouvi interiormente uma voz que me disse que, aquella manhã, entrava a alma do dito religioso na gloria.

— E que parte tiveram as suas revelações nos movimentos do falso D. Sebastião que amotinou o povo da Ericeira?

— Estava eu encommendo a Deus nosso Senhor a necessidade d'estes reinos, em um domingo ante-manhã, e fui arrebatada, e vi em visão intellectual um anjo com uma espada na mão como quem queria executar algum castigo grande no reino; e, vendo em espirito a dita visão, pedi a nosso

Senhor misericórdia; e, querendo impedir o castigo, lancei mão da espada que o anjo tinha, e ferime n'ella em realidade; e com a dôr da ferida despertei, da qual me correu muito sangue que limpei com uma toalha...

— Mas — interrompeu o jesuita — não responde a senhora prioreza a ponto. Conta-nos que as suas revelações ácerca de ter sido el-rei D. Sebastião, que Deus haja, salvo da batalha por um anjo, fôra grande parte nos tumultos da Ericeira.

A interrogada, levantando os olhos em postura de extasis, proseguiu como se não ouvisse a interrupção:

— Nosso Senhor Jesus Christo appareceu-me muitas vezes antes de eu ter as chagas, e depois de as ter, e as mais d'ellas em figura de homem de mean estatura, com as vestiduras resplandecentes, e com a cruz, e algumas vezes em figura de menino, e fallou comigo.

— Sobre quê? — atalhou o padre.

— As nossas praticas eram conformes ás necessidades que eu lhe representava, assim minhas como de outras pessoas; e por sete ou oito vezes veio Christo nosso Senhor resar comigo o officio divino, e no fim dos psalmos onde se diz *Gloria Patri et Filio*, etc., eu, em logar da palavra *Filio*, dizia

Tibi, e porque os meus superiores me avisaram que não mudasse as palavras que a igreja tinha approvedo, a primeira vez depois d'isto que nosso Senhor veio resar comigo, disse *Gloria Patri et Filio*, e o Senhor olhou para mim e me deitou a benção, dizendo-me que assim queria que obedecesse.

— Não respondeu ainda, nossa madre — redarguiu o arcebispo de Braga. — Seja mais atada ao fio das perguntas.

A freira, tregeitando um gesto de humildade, com os olhos em terra, respondeu :

— Depois que vossas illustrissimas reverendissimas intenderam em minhas coisas, tão apertada me vi que roguei a Christo nosso Senhor favor e ajuda; e elle me appareceu em uma cruz visivelmente e me disse que não temesse; por que poder tinha elle para tirar honra da cruz, vida da morte, e gloria dos opprobrios.

Os inquisidores relançaram entre si uns olhares mais expressivos de suspeita que de compaixão.

O jesuita, porém, que sobre todos denotava o enfado d'um interrogatorio esteril, rompeu assim de frente com a interrogada :

— Ha testemunhas contestes e affirmativas de

que a senhora prioriza pinta os signaes das chagas de pés e mãos com tinta vermelha, e os signaes dos cravos com tinta preta e verniz. Dizem, mais, testemunhas de vista que os arrebatamentos e claridades da senhora prioriza são artificios e fingimentos. Diga a verdade com juramento e ponha a mão sobre esta imagem de Jesus Crucificado.

— A verdade é o que tenho dito — respondeu placidamente a religiosa assentando a mão sobre o Christo. — Não sei o que é verniz.

— Não saberá; nós, porém, depois das admoestações da caridade, ser-nos-ha forçado examinar os signaes.

— Estou prestes para o exame — volveu ella sem vislumbrar minimo receio.

Os inquisidores e mais membros da veneranda alçada levantaram-se, differindo o dia do exame sem o aprazarem.

V

Corridos cinco dias, aos 14 de outubro, que era sexta feira, entre uma e duas horas depois do meio dia — tempo em que o sangue, no dizer da santa, lhe revia do lado — foi a prioreza chamada á presença dos mesmos juizes. Tres vezes foi admogestada e juramentada. Remetteu-se sempre ás declarações anteriores.

Ordenaram então que tres religiosas de virtude e confiança com a devida honestidade fizessem o exame.

Offereceu Maria as mãos; e sobre os signaes das chagas e cravos, as tres religiosas puzeram pastas de sabão preto. Passada meia hora, limparam-lhe as mãos com uma toalha de linho, e logo os signaes se desfizeram, e a carne ficou branca, sem differen-

ça do restante das mãos. Examinado o signal da chaga do lado esquerdo, não viram chaga nem sangue: era uma arranhadura artificial. Na cabeça nem leves signaes de espinhos descobriram.

A freira, segundo resa o relatorio da sentença, estava tão grandemente confusa e perturbada que não resistia ao exame, nem respondia ás perguntas.

As agonias da meia hora, em que esperou o effeito diluente do sabão, na presença do carrancudo congresso e das tres feiras jubilosas do seu triumpho, deviam ser de invejar a condemnação dos reprobos!

Com que animo sairia a prioriza a sujeitar-se á prova? Que esperanças lhe davam alento para se affrontar com o exame? Esta audacia, senão despejo de hypocrita, não bastaria a capitular-a de mentecapta? Desde a ameaça até ao momento da experiencia decorreram cinco dias. Não poderia ella evitar tamanho opprobrio, confessando-se em particular a um dos seus juizes, e solicitando a penitencia ou a condemnação, sem os estrondos do escandalo? Porventura a desvairada mulher, contando com Deus e com alguns actos de sincera piedade, esperaria, n'aquelle lance, um milagre? Cuidaria que as leis chymicas do sabão seriam suspen-

didias em obsequio aos creditos de sua santidade? Cuidaria que as chagas de Santa Catharina de Sena correriam o mesmo risco de serem delidas n'um lavatorio de potassa?

A resposta de tudo isto, a meu juizo, cifra na certeza de se haver insandecido aquella mulher, se é que algum anjo, enamorado d'ella desde os seus peregrinos quinze annos, a não guiava pelo vilipendio á penitencia, e depois ao céo, onde santas e anjos póde ser que se entre-amem e entrelacem e entre-absorvam n'um osculo eterno.

Ora, reza a sentença que, em seguida ao lavatorio e restante exame, dizendo-lhe os inquisidores *que confessasse suas culpas*, ella respondera *que não estava para isso; que outro dia responderia ao que lhe perguntassem.*

Doida, ou não?

VI

E logo ao outro dia, voltaram os commissarios lo archiduque Alberto ao mosteiro.

Chamou-se a freira. Veio serena; mas com as ôres esmaecidas e os olhos carregados de lagrimas.

Dêram-lhe, de novo, juramento, e admoestaram-na a confessar a verdade, sob pena de a pôrem a ratos.

Maria ajoelhou, levantou as mãos, e debulhada em lagrimas, fallou ou gemeu assim:

— Os signaes do meu lado, das mãos e dos pés, eram falsos, pintados, e fui eu que os fiz. Os levantamentos e claridades eram artificiaes; os arrebatamentos fingidos. Confessei tudo; agora condemnem-me, senhores. Mereço a morte e o inferno.

Os commissarios do inquisidor geral não eram

sujeitos que lavrassem sentença sobre confissão assim laconica. Estavam de pachorra para esmiuçar os pormenores d'aquella historia em que forçosamente devia ser personagem Satanaz — coisa não averiguada, segundo jubilosamente o assevera fr. Luiz de Sousa. Graças a Deus ! Maria não era bem santa ; mas endemoninhada tambem não. Aquellas hypocrisias estupidas eram só d'ella: digamol-o tambem em honra do diabo.

Violentada por instancias e ameaças, Maria da Visitação satisfiz a curiosidade barbara dos inquisidores, revelando miudesas ridiculas que deviam alegrar o severo aspecto dos principes da egreja.

Confessou ella que, aos quatorze annos, picara a cabeça com um canivete em redor, á feição de corôa, e que seis vezes repetira esta operação por desconfiar que lhe queriam ver a cabeça. Quanto á chaga do lado, confessou que a pintara com tinta vermelha ; e depois, como receasse que os padres da sua ordem lh'a quizessem ver, fez um golpe sobre a parte pintada ; e mais duas vezes exulcerara o golpe, uma, quando o padre geral da ordem a examinou, outra vez, no dia anterior. Respeito a uns panos que mostrava com cinco gotas de sangue, tiradas do lado, em figura de cruz, disse que as pintava com o seu proprio sangue, picando-se

em um dedo; e d'estes panos tinha sempre alguns preparados; e, quando lh'os pediam, fingia que os punha limpos sobre a chaga; e assim fizera sempre com tal artificio que vingara enganar varias pessoas que a tinham examinado; e, ao proposito, acrescentou que, dando-lhe um mouro um pano com certo signal, para que ella o não pudesse trocar, fechara a cortina da grade em que estava, e com o sangue tirado do dedo, fizera os signaes no pano do mouro e lh'o devolvera. Confessou que pintava todas as manhãs os signaes das mãos com tinta vermelha desfeita em agua, e os dos pés só os renovava quando lhe parecia que lh'os podiam ver; e que o sangue com que dias atraz tingira o roquête ao arcebispo de Sorrento, coleitor de Sua Santidade, ella o tirara da sua propria mão com a ponta d'um canivete, fingindo que lhe saíra das chagas das mãos. Pelo que toca aos arrebatamentos disse que eram fingidos; e sobre as claridades vistas em sua cella, confessou que saíam d'um fogareirinho, escondido com brazas que assoprava dessimuladamente; e assim, quando parecia estar suspensa, era por estar alçada sobre os chapins, sobre-pondo-os, e ás vezes se levantava sobre um páo feitiço que para o intento arranjava na sua cella. Acrescentou mais que não tivera revelações algumas, e tudo

quanto ao respeito dissera, não era verdade; e que fôra mentira ter visto um anjo tirar da batalha de Alcacer el-rei D. Sebastião e leval-o além do rio; e que a veste escarlata que mostrava, dizendo que lh'a déra o Divino Esposo, era uns retalhos de seda que punha nas mangas e nos peitos; e que o anel, que dissera ter-lhe dado o Esposo, nunca o possuira.

Não tinha mais culpas que confessar a ré; mas os inquisidores, levantando a sessão, determinaram outra para dois dias depois.

Chamada de novo á mesa, examinaram-lhe outra vez as mãos e pés, onde, como era de esperar, não viram algum signal. A necedade do segundo exame corria parêlhas com a crueza do novo e já inutil interrogatorio. Ainda assim, como insistissem no caso transcendente de ter ella pintado os cravos depois das chagas, explicou a ré que pintara com tinta de escrever os cravos por lhe parecer que não havia chagas sem cravos. Vê-se que a prioriza, na enchente de sua estupidez, ainda guardava um resto de veneração ás coherencias e relações da arte.

Quizeram os inquisidores certificar se ainda de ser patranha o fantastico salto da hostia á lingua da freira. Desenganou-os plenamente a ré a tal respeito, e bem assim no artigo de lhe apparecer Je-

sus Christo, asseverando que nunca o vira nem lhe fallara.

Era necessario saber-se isto de fundamento. Que hypocritas!

Contou ella, por esta occasião, que os padres dominicos quatro vezes lhe lavaram as mãos com agua simples, e não conseguiram despintar as chagas; que a segunda experiencia lh'a fizera o geral, ensaboando-as; mas por menos tempo do que convinha por ella fingir que se agastava muito e soffria grandes dôres; pelo que se compadeceu d'ella e lh'as limpou; e, á terceira vez, lhe não lavaram as mãos, e tão sómente lhe ajustaram um pano limpo sobre o lado, e saíu n'elles cinco gotas de sangue em duas ou tres dobras; este não era, porém, o proprio pano, que lhe puzeram, senão outro que ella antes tinha pintado e escondido no seio. ¹ Esclarecendo o ardil do quarto exame, ajuntou que os examinadores lhe viram sómente o lado, e lhe puzeram o pano; ella, porém, segundo o costume, lhes déra outro pano com os cinco signaes, e deixara ver o lado ensanguentado; porque n'esse momento des-

¹ Não é irracional a supposição de que tanto o geral como os outros examinadores conheceram a impostura, e transigiram por entenderem que os embustes d'aquella ordem, sobre não serem novos, eram convenientes e necesarios.

embostellara a ferida que abrira a canivete quatro dias antes, e saíra com a mão tinta de sangue que limpou em um lenço duas vezes e deu o lenço aos frades, que por isso saíram enganados.

— Mas — inquiriu Jorge Serrão, o jesuita inquisidor — nunca teve remorsos de consciencia que a obrigassem a confessar-se d'esses fingimentos? Nunca escrupulisou de tomar o Santissimo Sacramento?

— Remorsos e escrupulos tive; mas esperava que Nosso Senhor me dêsse algum remedio para salvar-me.

— O que a moveu a usar tantos embustes, tantas invenções e cautellas para os encobrir?

— Só pelo desejo de me terem na conta de santa; mas nunca me ajudei do poder do demonio, nem elle me appareceu nem tive com elle communicação nem pacto tacito nem expresso, nem fiz nem disse coisa alguma em seu nome.

Os inquisidores, eivados d'outra laia de hypocrisia, simularam que não se convenciam bem da incommunicabilidade da freira com o demonio. Inquiriram astuciosamente por maneira que o diabo caísse no laço; mas os theologos antes quizeram decidir que elle era estranho aos artificios da freira que suppõem-se ludibriados. Melhor foi assim.

Terminada a sessão, soror Maria recebeu ordem de sair do seu mosteiro e recolher-se ao das franciscanas da Madre de Deus, fóra dos muros, *por alguns justos respeitos*, diz o processo.

Continuaram as sessões na nova residencia.

A summa no novo interrogatorio cifrou em quererem saber que esperava ella do exame, se conhecia que o sabão lhe havia de lavar as chagas pintadas. Respondeu que não esperava tão diligente e rigoroso exame.

— Mas por que não confessou a ré a sua culpa antes do exame?

— Por que pensei que não havia testemunhas que me vissem pintar as chagas.

E, aqui, a pobre mulher, suffocada por gemidos, rompeu a custo n'estes clamores :

— Disse tudo, não tenho mais que dizer. Despachem-me conforme a sua vontade e o crime dos autos. Estou arrependida das minhas culpas. Confessei-as publicamente. Agora, tenham misericordia de mim, se puderem ; que eu estou aparelhada para morrer.

Deixaram-na.

O inquisidor geral convocou novos accessores e conselheiros que discutissem e sentenciassem conjunctamente ; os quaes, lido o processo e feito o re-

latorio, lavraram e assignarax a sentença do theor seguinte: «Condemnamos a dita Maria da Visitação em privação do cargo de prioreza do dito «mosteiro da Annunciada e de voz activa para que «perpetuamente não possa servir cargo algum da «religião, ainda que seja dos que se não provêem «por eleição, e que lhe seja tirado o véo preto da «profissão e perca a sua antiguidade, e para sempre seja precedida de todas as religiosas do mosteiro onde estiver, e a condemnamos em carcere «perpetuo, em mosteiro de religiosas da sua ordem, «fóra d'esta cidade de Lisboa, que por nós lhe será «nomeado: o qual carcere será em uma cella ou «casa que lhe será assignada, do qual não sairá senão a ouvir missa do dia; e ás quartas e sextas «feiras de cada semana irá ao capitulo para n'elle «receber uma disciplina que durará enquanto se «disser um *Miserere*; e nos mesmos dias jejuará a «pão e agua, e comerá no refeitório em terra, fazendo á entrada e á saída as prostrações costumadas na ordem, para que passem por cima d'ella «as outras religiosas; e o remanescente do seu comer se não misturará com o das outras religiosas; e não receberá cartas, nem fallará com «religiosas nem visitas de fóra, por si nem por interpostas pessoas; nem fallará com mais religio-

«sas que com aquellas que a prioreza nomear e lhe
«forem necessarias para sua consolação. E, haven-
«do respeito ao tempo que indevidamente commun-
«gou, tomando o Santissimo Sacramento, manda-
«mos que os primeiros cinco annos da sua reclu-
«são e carcere, não o receberá senão pelas pas-
«choas da ressurreição, pentecostes e natal, e vindo
«no dito tempo algum jubileu geral do padre santo
«ou estando em artigo de morte. E, passados os
«ditos cinco annos, poderá commungar sómente as
«vezes que, conforme as suas constituições, com-
«mungam as outras religiosas de sua ordem. E as-
«sim mandamos que um retrato da dita Maria da
«Visitação, em que está pintada com as chagas no
«capitulo do dito mosteiro, se tire e apague de ma-
«neira que pareça que nunca ali esteve, e que o
«mesmo se faça em todas as partes onde estiver o
«seu retrato com as chagas; e que se recolham to-
«dos os livros e papeis que d'ella tratam assim im-
«pressos como de mão; e os autos que se fizeram
«dos milagres que se cuidava que fazia, se entre-
«guem no santo officio; e os panos das chagas e
«cruzes que dava com os mesmos signaes, e quaes-
«quer outras pessas suas que dava como reliquias;
«e nos logares onde não residir inquisição se en-
«tregarão as ditas coisas aos prelados, ou ás pes-

«soas que elles para isso deputarem, para o que se
«passarão as provisões necessarias. Dada em Lis-
«boa aos 17 dias do mez de dezembro de 1588.
«*Matheus Pereira*, sobrescrevi. *Arcebispo de Lis-*
«*boa. O bispo da Guarda. Fr. Agostinho*, eleito de
«*Braga. Paulo Affonso. Jorge Serrão. Antonio de*
«*Mendonça. Diogo de Sousa. Lopo Soares de Alber-*
«*garia. Fr. Diogo Ramires*, provincial. *Fr. Juan*
«*de las Cuebas.*»

A ré ouviu de joelhos a sentença no côro do con-
vento. Seguido á leitura, determinou-se-lhe o imme-
diato desterro por toda a vida para o convento de
Abrantes, chamado de Nossa Senhora da Graça.

Não conseguimos descobrir a data da sua morte.
Nem os chronistas nem o Agiologio dos dominica-
nos entenderam mais com a memoria da desterrada.

Fr. Luiz de Sousa diz: «viveu alguns annos e
falleceu cumprindo as suas penitencias.»¹

O manuscripto, d'onde summaríamos esta noti-
cia, não era mais noticioso, e cerra assim: «acabou
mui penitente com grandes demonstrações de arre-
pendimento e virtude.»

Um escriptor coevo do successo, Manuel Faria e
Sousa, mais delicado ainda que o frade dominica-

¹ *Hist. de S. Domingos. Part 3.^a cap. xi.*

no, acatando os illustres parentes da religiosa, não ousa nomeal-a; todavia é digna de trasladar-se a referencia que damos traduzida: «... Em seu governo (allude ao governo de Filippc II) dois casos houve sómente para memoria: um a invasão da armada ingleza com D. Antonio, já referida em seu logar proprio; outro a santidade fingida de uma monja de Lisboa. Chegou ella a persuadir que se mantinha sem sustento humano, attribuindo-o ao artificio de umas vélas que, a titulo de alumiar-lhe o oratorio lhe alumiam a vida; ainda que fosse por medida como preciso era que fosse; e pudera, não comendo em publico mais do que comia a occultas, solicitar com virtude o que solicitava por astucia. Tanto engana o demonio que até aos que o servem obriga a fazer penitencias! Tambem persuadiu que lhe tinham sido communicadas as cinco chagas, e assignalou-as nos seus logares notorios com tanta propriedade que enganava ainda depois de manifesto o engano. Obrou Deus com ella alguns ou por assim dizer muitos milagres, mas por poucos annos, por que em fim o artificio na hypocrisia nunca foi curavel. Tanto quer Deus que não se frustre a fé dos catholicos. Fizeram-se graves exames; e sendo penitenciada, *passou o restante da vida com taes actos de virtude que quasi conseguiu por ella a fama*

*que pretendia conseguir pela malicia: e realmente assim conseguiu mais; por que melhor é perecer virtuoso e sel-o, que santo não o sendo.*¹

Refere, ao mesmo proposito d'este religioso escandalo, o nosso Manuscrito um caso comprovativo do assisado espirito d'um mouro. Era islamita rebelde a todos os cathequistas; não havia reduzi-lo á fé catholica; e já mais d'um amigo pensava em mésinhal-o com o extremo remedio d'um auto de fé. N'este comenos sôa a desgraça de Maria da Visitação, cujo sangue das chagas lhe tinha sido a elle mostrado como supremo argumento. O mouro ria-se e andava audaciosamente perguntando aos possuidores dos farrapinhos pintados se faltava alguma coisa para a beatificação da freira da Annunciada. Ao mesmo tempo voga a noticia do castigo severo e do perpetuo desterro da hypocrita. E' então que o mouro pede o baptismo e se afervora em sincero christão, dizendo que acreditava do intimo da alma em uma lei que castigava os fingimentos, embora a religião catholica perigasse com elles.

¹ *Europa portugueza*, part. 2.^a cap. 1.^o pag. 109.

VII

Em documentos coevos d'esta celebrada religio-
sa, temos até agora encontrado mui raras referen-
cias. De intender é que, á uma, o nascimento da
condemnada a perpetuo desterro e o respeito aos
seus validissimos parentes, e por outra parte o de-
coro da religião impuzeram silencio aos contem-
poraneos. Como vimos, fr. Luiz de Sousa não lhe
nomea a linhagem; e, de tão má vontade refere o
triste acontecimento, que assim fecha a noticia es-
quivando-se a particularidades: «Confesso que me
tem custado grande dôr e magua a relação d'este
successo: mas são rigorosas as leis d'este officio,
que fazemos de chronista, que, para sermos cridos
nos bens e felicidades, é forçado não calar os ma-
les e desaventuras». ¹

¹ *Hist. de S. Domingos. L. 1.º cap. XI.*

Encontrámos uma *prioreza da Annunciada* no *Rol dos amigos que o sr. D. Antonio tinha em memoria para lhe fazer mercê*.¹ São 151 os lembrados no apontamento do infeliz prior do Crato. Maria da Visitação foi prioreza desde 1852 a 1858. Ignoramos se n'este espaço de tempo D. Antonio escreveu o rol dos seus amigos. E' natural que a santa da Annunciada, prevalecendo-se da sua preponderancia no animo das turbas, favorecesse a causa do prior contra Filippe II; e já póde ser que da severa syndicancia do archiduque Alberto se deva inferir que o sagacissimo filho de Carlos V rastreasse as secretas relações da prioreza com o irrequieto perturbador do seu descanso.

Outra mensão da religiosa se nos depara em uma carta que D. Anna d'Austria escrevia em 1595, desde o mosteiro de Santa Maria-la-Real a seu tio Filippe II. D. Anna estava encarcerada e processada por ter não só protegido que tambem amado um pasteleiro do Madrigal, de nome Gabriel de Espinosa, que se dizia el-rei D. Sebastião. A filha de D. João d'Austria, defendendo-se do crime de ter acreditado no impostor, escrevia ao rei, seu tio: «E'

¹ Provas do L. 4.º da *Hist. Genealog. da Casa Real portugueza*. T. 2.º pag. 563.

«para admirar que eu me enganasse, quando o imperador e até Vossa Magestade tiveram em conta «de santas a religiosa da Annunciada de Lisboa, e «Magdalena da Cruz, ás quaes favoreceram!...»¹

D. Antonio Caetano de Sousa, no tom. 12. P. 1.^a da *Historia Geneologica da Casa Real*, pag. 468, nomeando os filhos de D. Francisco Lobo e D. Brites da Sylva e Menezes, diz assim de D. Maria da Visitação: «Freira na Annunciada de Lisboa, celebre por se fingir santa, com revelações e com comunicação das chagas de Jesus Christo e outros embustes: foi penitenciada pelo santo officio de Lisboa no anno de 1588, sendo inquisidor geral e governador do reino o archiduque cardeal Alberto, e foram as penas leves; porque não tinha mais culpa que o fingimento humano: a maior pena foi ser mudada para o mosteiro d'Abrantes, d'onde d'ali por deante foi virtuosa com verdade e acabou com edificação.»

Quem nos deu maior copia de noticias da «freira santa» foi Cipriano de Valera, celebre calvinista, chamado o «hereje» anthonomasticamente.²

¹ Carta extrahida do *Archivo de Simancas* pelo sr. Miguel d'Antas, author do valiosissimo livro intitulado *Les faux D. Sébastien*. Paris, 1866.

² Nicoláo Antonio, na *Biblioth. nova*, ao escrever o nome

Quando Maria da Visitação se gosava da fama de santa já milagrosa, Cipriano, em 1588, escrevia : «...Ella descobrirá sua hypocrisia como as outras». N'aquelle mesmo anno saíu elle com sua profecia

de herege, impando de catholico horror, exclama: *infame nobis semper nomen, hæreticus fuit Calvinianus*. Outros bibliographos menos catholicos ou menos espantadiços da pravidade calvinista, á imitação de Baret, consideram Valera o mais fertil e eloquente polimista do seu seculo. Arcou o antigo monge de Sevilha com o papado inexoravelmente : se em parte lhe fallece justiça sobejam-lhe os dotes de controversista a quem até o sophisma obedecia vestindo galas de evidencia. Foi extremado no dom de adubar e alumiar as materias mais indigestas e escuras. A traducção da Biblia de Casiodoro de la Reyna publicou-a elle, por 1602, em Amsterdão. Esta versão monumental é prefaciada pelo douto calvinista, de quem trasladamos a seguinte passagem : «Em nossa Espanha, multidões de sabios, de fidalgos e pessoas extremadas por saber e nascimento, ha sido victima dos autos-da-fé. Não ha ahi cidade, e para assim dizer, villa, aldeia, e casa illustre de Espanha que não tenha contado ou não conte uma ou muitas pessoas que Deus, por sua infinita misericordia, haja esclarecido com as luzes do seu Evangelho. E' já hoje em dia modo vulgar de dizer em Espanha ao proposito de homem instruido : «E' tão sabio que correu perigo de fazer-se lutherano.» Nossos adversarios fazem quanto podem por apagar esta luz evangelica ; e, n'este empenho, que de pessoas avexadas em Espanha com perdimento de bens, vida e hon-

triumphante, e miudamente nos conta os falsos milagres e as atoardas que correram mundo por conta da freira da Visitação.

ra ! E', porém, de notar, que, máo grado as torturas, os açoutes, o san-benito, galés, carcere perpetuo e fogueiras, os fieis se vão multiplicando, sendo que o sangue dos martyres é a semente do Evangelho.»

Cipriano de Valera reimprimiu em 1599 um livro intitulado : *Dós tratados, el primero es del Papa y de su autoridad, colegido de su vida e doutrina. El segundo de la Missa...* *Iten, un ENKAMERE DE LOS FALSOS MILAGROS CON QUE MARIA DA VISITACION, PRIORA DE LA ANNUMCIADA DE LISBOA ENGAÑÓ Á MUY MUCHOS : Y DE COMO FUE DESCUBIERTA Y CONDEMNADA.* Um illustrado collector de livros raros, e benemerito da honra que a academia de Madrid conferiu, pouco ha, ao seu precioso estudo sobre os portuguezes que escreveram em castelhano, o sr. Domingos Garcia Peres, por vezes enviado ao nosso parlamento, me brindou com o raro livro de Valera, mais precioso para mim n'esta conjunctura. Aqui me preso de referendar o meu grande reconhecimento ao versadissimo bibliophilo.

Tal livro, condemnado e infamado pelo Index expurgatorio, deve ser hoje raridade escapada ás hecatombas da inquisição. Salvou-se, pois, com o livro a noticia do creador d'um verbo já obsoleto. Valera inventou o verbo *papar*, fundando-se n'este admissivel argumento : se de *rei* se diz «reinou tantos annos» de *papa* diga-se : «*papou* tantos annos » E' justo, philologicamente fallando.

Não se esquivem ao leitor tão curiosas novidades, joias da formosa fé de nossos avós, rebuscadas no lixo acamado ao correr de quasi tres seculos.

Conta o calvinista que, áquelle tempo, se escrevera muito da santa monja ; mas quem mais demoradamente se occupara do estrondoso assumpto havia sido um fr. Estevão de Lusignan, da ordem dominicana. Publicou em lingua franceza este frade um livro em 1586, dedicado á rainha de França. A' pagina de rosto segue-se o retrato de Maria da Visitação com manto negro, tunica e escapulario branco. Cinge-lhe a fronte uma corôa de espinhos ; as chagas de Christo dardejам lhe raios aos pés e mãos ; e das costas do Redemptor vem outro raio ferir um coração que ella sustenta entre os dedos da mão direita. Debaixo dos pés humilha-se um formidando dragão ; deante d'ella está em joelhos um frade de S. Domingos e mais um homem e uma mulher seculares. O titulo do livro é : *Grandes milagres, e as santissimas chagas que aconteceram á reverenda madre Priora, no presente anno de 1585, do mosteiro da Annunciada na cidade de Lisboa, reino de Portugal, da ordem dos frades prégadores, approvados (os milagres) pelo reverendo padre fr. Luiz de Granada e por outras pessoas dignas de fé...*

Fr. Estevão, na dedicatória á rainha, diz que «tendo achado alguns escriptos impressos em varias cidades os recolhera e reimprimira juntos, nos quaes encontrara os maiores milagres que em nossos tempos Deus todo poderoso tinha operado na pessoa de uma nobilissima, virtuosissima e religiosissima virgem, a madre Maria da Visitação».

Tres importantes cartas traslada o frade: uma de fr. Antonio de la Cerda a D. Fernando de Castro, que estava em Roma: esta carta ia escripta com a recommendação de ser mostrada ao summo pontifice. Tem a data de 14 de março de 1584.

A outra, datada em 18 do mesmo mez e anno, é de fr. Luiz de Granada para o patriarcha de Valencia.

A terceira é do mesmo la Cerda ao mesmo Castro, com data de 30 de março de 1585.

Eis aqui, em compendio, a carta que o papa leu: «que Jesus Christo apparecera á religiosa e lhe dissera como a Jeremias: *Em caridade perpetua te amei; pelo que te attrahi, apiedando-me de ti;* e que d'aqui por deante lhe apparecia a miudo, conversando com ella familiarmente, como dois amigos entre si; e muitas vezes lhe apparecia acompanhado de santos e santas, especialmente de Magdalena a quem a freira sohia chamar *a sua formosa*, e tam-

bem de S. Domingos, de S. Thomaz d'Aquino, de Santa Catharina de Sena e d'outros, quando não vinha sósinho, e resava com ella os psalms, dizendo-lhe a santa no fecho de cada psalmo *Gloria patri, et tibi*, como quem diz: *Gloria ao pae e a ti.*»

O santo padre leu isto, e parece que acreditou.

Em testemunho da grande caridade da monja, conta o frade que havia no mosteiro uma freira enferma de frenezis que não comia nada, por imaginar que tudo estava empeçonhado, e fechava os beiços com tal força que a muito custo deixava ver as gengivas canceradas e os dentes negros de carie. Foi Maria visital-a, e pediu-lhe que comesse um bocado de pão que lhe offereceu, segurando-lhe que não estava envenenado. Tirou a enferma o partido que a freira morderia o pão no sitio onde ella o dentasse com os esqualidos dentes. Assim o cumpriu a santa, engulindo as nauseas. N'isto, apparece-lhe Jesus, e diz-lhe: «Por amor d'este vosso acto caritativo darei saude á enferma.»

O santo padre leu isto, e parece que acreditou.

Refere aquelle prodigio de se abrir per si o sacrario e voar uma hostia á lingua da freira sedenta do divino Esposo; e o não menos merifico lance de espedir-se do costado de Christo um raio luminoso, o qual batendo no lado esquerdo da religiosa

lhe fizera uma nodoa roixa do tamanho de uma lançada, por onde ás sextas feiras resumbrava sangue.

O santo padre leu isto, e parece que acreditou.

Nem admira, attenta a qualidade das testemunhas que revalidavam a exposição do provincial: taes eram fr. Gaspar Leitão, regente do collegio de Lisboa e prégador d'el-rei, fr. Luiz de Granada, cujo só nome diz a maxima virtude e sabedoria do seu seculo, fr. Pedro de Somes, confessor do cardeal-rei. Afóra o testemunho de tão extremados varões, Sixto V recebeu uma congruente e não menos encarecida informação do cardeal Alberto. Leu e acreditou com toda certesa, como se infere da resposta que enviou ao archiduque: «Lemos com «muito jubilo, disse Sua Santidade, o que procurastes escrever das virtudes da prioreza do mosteiro da Annunciada da Santissima Virgem Maria, «e dos grandes beneficios que Deus lhe ha feito. «Rogamos á divina bondade que de dia para dia a «faça mais digna de sua graça e enriqueça com dons «celestiaes, para gloria de seu nome e alegria de «seus fieis. Dada em Roma em Santa Maria com «o anel do pescador a 10 de setembro de 1584, etc. «Antonio Prucha Badulini subscreveu.»

Agora edificuemo-nos com a relação de alguns

milagres da freira «assim corporaes como espirituaes» consoante a distincção feita pelo informador do padre santo.

Narra, pois, o commovido provincial, que os prodigios da monja tinham por tanta maneira abalado os animos da mocidade que muitos cavalleiros estavam noviciando, trocando pelas galas do mundo o burel de frades. «A fama dos quaes milagres — accrescenta o provincial — já vae tão longe, que chegou aos mouros que demoram em Alvaladi, castello distante de Lisboa tres leguas. Tres dos quaes, chegada a hora de se fazerem christãos, desejavam estranhamente ver a prioriza, porque não podiam crer tantas maravilhas como d'ella se contava. E desde então o Espirito Santo interiormente os movia e provocava, acendendo cada hora mais em seus corações o desejo de ver a dita serva de Deus. E tanto de dia em dia tal desejo ia recrescendo que por uma ante-manhã se partiram os tres de Alvaladi para esta cidade de Lisboa sem que algum d'elles se descobrisse ao outro, e me vieram procurar n'este convento, dizendo que não sabiam o que interiormente os movesse e abrazasse em tão fervente desejo de ver a prioriza. Quando um me estava dizendo isto, chega o segundo, e depois o terceiro. E, quando todos se viram juntos, entende-

ram que demandavam a mesma coisa; e, vendo-se inflammados do mesmo desejo, ficaram grandemente attonitos. E, como eu visse que isto procedia de impulso do Espirito Santo, e já não de curiosidade, como alguém presumia, levei-os ao mosteiro da Annunciada, fui ao locutorio, e mandei dizer á priora que lhe queria fallar, sem dar a intender a causa. Veio sem demora. Os tres mouros estavam ao pé de mim. Levantou ella o véo para me fallar. Os tres mouros, apenas a viram, caíram de bruços por terra, e por tal modo que foi mister ajudal-os a erguer. Erguidos, encararam com ella de novo, e caíram de joelhos sem proferir palavra, apenas gemiam com os olhos fitos na priora. E dizendo-lhes eu por que não fallavam á priora, responderam que viam n'ella coisas tão grandes e admiraveis que não sabiam que dizer. Dito isto, rogaram á priora que os fizesse baptisar pela pessoa que estava á beira d'elles. Ella respondeu que, se queriam ser baptisados, ali estava eu presente para logo os fazer baptisar, ajuntando ao dito que isto seria mui agradável a seu esposo. Passado isto, voltei com os mouros ao meu convento, bem que muito tristes, por que não queriam apartar-se da priora. Dei parte ao arcebispo, o qual mandou logo buscar os mouros e eu lh'os le-

vei com outros padres. Chegados que foram, confessaram ao arcebispo em nossa presença que tinham visto ao lado da prioreza a Jesus Christo em figura humana posto na cruz. O qual milagre ha sido tão admiravel que a fama d'elle soou por todo reino, e grão multidão de povo tem chegado a esta cidade para os ver baptisar. O arcebispo mandou á prioreza que lhes dêsse nomes, a qual, por meu mando, lh'os deu. Ao primeiro chamou *Manuel*, ao segundo *João* e ao terceiro *Thomaz*. Os quaes foram baptisados n'esta casa e ficaram connosco.»¹

Outro milagre foi apregoado por D. Vicencia, a qual devota matrona tinha certa amiga, doente

¹ Propendemos a crer que os tres mouros eram uns velhacazes e farçantes maiores da conta, ajustados a lograrem o provincial, sem receio de que o seu Mafoma os castigasse pela tramoia. O segundo acto da farçada consistiu em se deixarem ficar no mosteiro comendo á tripa fôrra. O terceiro, e mais espectacular devia ser o embaraço dos mouros convertidos quando, passados tres annos, a freira foi condemnada por impostura. E' bem de intender que o provincial attribuiu a influencia diabolica aquelle ir de borco ao chão, quando Jesus Christo se mostrou humanalmente aos mouros, hombro a hombro da prioreza.

d'um cancro na bocca. Na vespera da operação, D. Vicencia poz sobre o cancro da sua amiga um pedacinho de lenço que a freira costumava trazer sobre a chaga do costado. No dia seguinte não encontrou signal do cancro. D'este caso mandou o cardeal Alberto lavrar instrumento pelo seu escrivão.

Não é menos para assombros est'outro: uma senhora Anna Rodrigues do Crucifixo trazia consigo as hastas desgrudadas d'uma cruzinha de páo que Maria da Visitação lhe tinha dado. Um doente abandonado da medicina e conhecido da senhora Anna Rodrigues pedia agua no momento em que a ditosa possuidora da cruz o visitou. A devota da prioriza lançou na taça da agua um dos páos da cruz, que se teve aprumado na agua em quanto o sequioso enfermo bebia sôffregos haustos. Sentiu-se o doente muito aliviado e pediu mais agua. A devota, no intento de apressurar a cura, e receosa de que o doente bebesse o páosinho, dobrou a dóze mergulhando na porcelana a outra haste. Eis que as duas hastes se cruzam e soldam, formando uma linda cruzinha. D'ahi a tres dias o convalescido passeava em Lisboa são e rijo.

Tudo isto e outras especies de egual veridicidade conta fr. Estevão de Lusignan á rainha de Fran-

ça. O que a rainha diria a fr. Estevão depois que a freira foi sentenciada, o que o papa diria ao cardeal Alberto, e o provincial a Fernando de Castro, não se pôde liquidar; mas o que ficou notorio e perpetuado na estampa é o parecer do calvinista Cipriano de Valera ácerca da condemnação. Exclama elle: «Levanta te, Senhor, e julga tua causa. Vê que os que te confessam, morrem; e os que te blasfemam, vivem! Maravilho-me, e muitissimo, que estes senhores, que condemnaram esta maldita Maria, digam na sentença dada contra ella, estas palavras: «Tudo que esta monja fez foi fingido sómente para que a tivessem por santa, sem intervenção nem invocação do demonio.» Certamente fallaram contra a propria consciencia (perdoem-me suas senhorias) que lhes dictava taes milagres terem sido feitos por arte do demonio com o qual ella, sem duvida, era familiar, como com seu esposo, conductor e guia. Por quanto, como poderia fazer os milagres que fez, sem que o demonio invocado interviesse?! Quanto a dizer ella que Jesus Christo, já só, já em concomitancia de santos e santas lhe apparecia, e ajudava a rezar as horas e era seu esposo, e lhe imprimira as chagas, vá que seja fingimento como tudo mais. Mas elles, tão loucos; que esquecidos de Magdalena da Cruz, puderam

acredital-a! ¹ «Quer o hereje contumaz que lhe expliquem o milagre do cancro, o milagre das duas hastesinhas da cruz, e principalmente o prodigio de irem a terra os tres mouros por que viram Je-

¹ Magdalena da Cruz, abbadessa de franciscanas, foi condemnada pela inquisição de Cordova, em 1540, como pactuaria do demonio, seu collaborador em espantosas maravilhas que lhe deram nome de Santa. Conformam-se muito os milagres das duas insignes impostoras e são quasi identicas as penas da condemnação. Parece que o demonio vingara subornar o animo dos juizes, em favor das suas operarias no descredito da christandade.

Outro exemplo d'esta escandalosa protecção nos está lembrando: é o de soror Maria Ignacia dos corações de Jesus Maria José, freira de Nossa Senhora da Conceição de Loulé. Esta religiosa, que antes de o ser se chamou D. Josefa Rita da Gloria, tambem tinha visto nosso Senhor e Sua Mãe Santissima. Até aqui as visões não repugnavam a uma consciencia limpa e corpo casto. Mas o demonio sahe-lhe tambem um dia aos olhos extaticos, filtra-lhe ao coração venenos de concupiscencia, induze-a a nupciar-se com elle e coroa-lhe as delicias conjugaes com o palpitar d'um entesinho no seio que ella imaginava sobre maneira virginal. A freira, entre afflicta e deliciada, queixa-se brandamente ao confessor do que lhe ia no coração e nas entranhas. O director espirital, mediante uns pós abortivos, consegue desfazer o producto diabolico; felicidade que elle bem pôde ser não tivesse tido na destruição dos productos proprios. Um douto physiologis-

sus Christo á beira da prioreza. E argumenta d'este feitio com certo atino que não parece de hereje: «Este milagre se divulgou por todo Portugal. Dir-me-hão que era o verdadeiro Jesus Christo? ou illusão do demonio? Não dizem que era Jesus Christo; por que em sua sentença disseram: Tudo que

ta, mais conhecido por historiador, Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, em um manuscripto que possuímos, e pertenceu á casa dos duques de Lafões, é de parecer que aquelle demonio fecundativo era homem. Assim o presume o allegado critico na seguinte nota appensa á «Lista das pessoas que sahiram no auto da fé particular que se fez na salla da Inquisição de Evora em sexta feira 12 de maio de 1747». Escreve elle: *O certo homem (e não diabo) com quem esta freira teve copula foi o arcebispo-bispo do Algarve, D. Fr. Ignacio de Santa Thereza.* E accrescenta: *E o seu vigario geral seguia a mesma doutrina que é o que sahio n'esta lista n.º 4. **

Pois querem acabar de convencer-se da protecção de Satanaz á sua concubina? Foi condemnada simplesmente a um anno de carcere no seu convento. E, de mais a mais, sendo certo que o demonio devia ter ciúmes do arcebispo!... Virtudes antigas...

* O n.º 4 diz: «O padre Antonio Gonçalves Antas Queiroz, vigario geral e provisor do bispado do Algarve, por solicitante amatorio no lugar do confessorario etc. Degredado para fóra por seis annos, privado para sempre de confessar, dois annos de missa, e nunca mais entrar no Algarve.»

esta monja fez foi fingido. Segue-se pois que o demonio foi quem appareceu em forma humana. Avisa-nos S. Paulo que Satanaz, para melhor poder enganar, sohe transfigurar se em anjo de luz; mas, aqui, no negocio dos tres mouros, Satanaz foi mais atrevido transfigurando-se em Christo crucificado, e tomando-lhe a tórma. (O' grande paciencia de Deus!) E accrescenta o provincial: «Este milagre foi tão celebre e admiravel que a fama se divulgou por todo reino.» Logo, foi verdadeiro milagre; mas dos que opéra Satanaz para illudir os homens, e não foi ficção da prioreza. Como é pois que suas senhorias, na sentença, não mencionam a maneira como a prioreza fez apparecer Satanaz em figura de Christo crucificado? e como se formou aquella devota cruzinha? e como foi que os enfermos saram? No principal, guardam silencio, por que não se descubram suas superstições e idolatrias. O que mais lhe perguntaram foi:—como é que disse que vira muitas vezes a mãe de Deus?...—Astucia grande! Com isto, amordaçaram a bocca ao povo!...

Claro é por tanto que Cipriano de Valera forceja por evidenciar que a prioreza da Visitação operava maravilhas avençada com o demonio. Peza-lhe ao monge apostata de Sevilha que a não hajam quei-

mado em desagravo de Christo, cuja paciencia elle ao mesmo tempo admira, por consentir que o anjo do abysmo subisse trajando galas de divino. Se os catholicos redarguiram ás zargunchadas do hereje, não é facil dilucidar; mas o que seguramente aconteceu ao livro foi queimarem-lh'o desde que o *Index expurgatorium* o condemnou ao fogo.

VIII

A galante filha de S. Domingos não póde ser arguida de inventora das chagas communicadas por celestial contagio. Estas miraculosas ulcerações foram moda no seculo XVI. Escrophulas, herpes, tumores de toda a especie lograram exemptar-se de sua inferna e esqualida origem, remettendo-se a graça particular de Jesus Christo, cujo prazer em dilacerar creaturas que o amavam, sem embargo de ser divino, é crueza que nem homens usam praticar. Maria regrou os seus prodigios pela pauta do costume estabelecido. Aquelles raios de luz estranha que ella simulava com o fogareiro, já uma Beatriz Vaz de Oliveira, mantelata da ordem de S. Agostinho, os havia sentido a dardejar-lhe sobre a cabeça. Cauzou-se d'esta radiação encontrarem-lhe

uns buraquinhos quando a tosquiaram. Já Catharina de Jesus, freira mais antiga, se assignalou com as chagas. Em fim, o padre João Bonifacio Bagata, n'um livro irrefutavel chamado *Admirandis orbis christiani*, dá a noticia de trinta e quatro pessoas lazaras por mercê divina, e o nosso fr. José de S. Antonio gaba-se de ter na sua ordem sete pessoas chagadas.¹ Era uma gafaria completa !

Outro exemplo, grandemente incitante a extremos de mysticismo, florescia em Lisboa ao mesmo tempo. Os assombros andavam dispartidos entre a santa da Annunciada e Maria Reimundes.

Esta senhora tinha sido casada com um dos homens de maior tomo d'aquelle tempo — a mais revolucionaria e patriótica indole que se perdeu e affagou n'õ sangue da batalha de Alcantara. Manuel da Fonseca da Nobrega, corregedor da cõrte de D. João III e de D. Sebastião, foi extrenuo amigo de D. Antonio, prior do Crato. Quando o filho de Violante Gomes entrou na glacial e deserta Lisboa para se fazer acclamar rei, um só homem capaz de erguer pregão eloquente pelos direitos do filho de Violante viu á sua beira e entre o gentio maltrapido que lhe sevandijara a festa real : era Manuel da Fon-

¹ *Iman espiritual*, pag. 219.

seca da Nobrega. Tersamente o descreve o senhor Rebello da Silva: «Dotado da elocução inexaurível, tão usual nos da sua profissão, juntava á linguagem inflammada, propria dos auditorios populares, grande firmeza de coração, e não menos ousadia nas palavras e nos actos. O discurso recitado por elle n'esta occasião para exaltar a eleição de D. Antonio, inculcando-o predestinado por Deus para cingir a corôa, era perfeito no seu genero. Proferindo-o não podia ignorar que o premio seriam as vestiduras roçagantes de chancellor. Se D. Antonio triumphasse, ou o exilio, os carceres e a morte, se o seu poderoso competidor prevalecesse. Os estrepitosos applausos, que lhe abafaram quasi as derradeiras phases, ainda o enthusiasmaram mais; e, asomando a uma das janellas com o estandarte da cidade nas mãos, acclamou com intrepidez e em voz forte por tres vezes o nome de D. Antonio, rei de Portugal, victoriado dentro da sala e fóra d'ella, no terreiro com unanimes e estrondosas vozes.»¹

¹ Historia de Portugal, tom. II, pag. 407 e 408.

O illustre historiador desestimou o discurso do vehemente magistrado. Tomamol-o das mãos de um seu inimigo, o conde de Portalegre, parcial intranhado do usurpador. Se D. João da Silva (com o pseudonymo de *Conestagio*) estampou

Não sei por que o meu presado amigo Rebello da Silva, passando tão de espaço nos campos de Alcantara, juncados de mortos, não reparou no cada-

a allocução de Nobrega por zombaria, nós a reproduzimos em veneração á memoria do patriota infeliz. Eil-a aqui trasladada da versão hespanhola de Luiz de Bavía : «Vejo em todos esculpido no rosto o signal de alegria, que tem no coração, de ver chegado o dia tão alegre como este de jurar «rei aquelle que tanto desejaveis ; conheço serem vãs todas «as palavras que, para animar-vos a fazel-o, poderia dizer com «vivo animo, quando, mui inferior minha eloquencia á vossa «vontade, sei que não só vos enjôa a tardança, mas ainda desgostaes de que outros hajam primeiro feito aquillo que vós «quizeréis ter feito, e justo era fizesseis, pois que d'esta cidade como principal devem tomar a regra todas as mais «d'este reino ; mas estae contentes e alegres n'este acto «quanto quizerdes e sejam minhas palavras superfluas quanto «queiram, que forçado da obrigação e amor, não posso deixar de brevemente dizer o que sinto. Não quero contar mui «em miudo suas fadigas, a prudencia com que as tem levado, que por serem muitas me falta o tempo : basta saber, «como sabeis, que por fatal destino ha sempre combatido «contra a soberba e arrogancia do mundo ; por que, como «por nossos peccados seja d'estes modernos principes, pela «maior parte aborrecida a virtude e amados os vícios, elle como virtuoso e magnanimo, foi sempre aborrecido e opprimido. «De maneira que, agora querendo que fosse filho bastardo ; «logo fazendo que o precedessem os a quem elle havia de

ver de Manuel da Fonseca da Nobrega, que ficou alli! Valente homem de lingua e de pulso, era o corregedor! Devia de cahir mui desfigurado pelas

«preceder, por todas as vias procuraram offuscar aquella gloria que n'elle resplandecia. Digo os desgostos que teve ultimamente com el-rei D. Sebastião no tempo da partida para «Africa, que outro os houvera tomado por escusa para lá não «ir; mas elle, já affeito a golpes da fortuna, dado que, com seu «grande juiso, conhecesse que se ia perder, antes quiz com «tanto perigo de sua pessoa, segundo a temeridade de outro, «ficar escravo de mouros, que manchar sua honra com alguma mancha, por pequena e ligeira que fosse: ficou (como «elle o adivinhara) na infeliz batalha captivo, morreu el-rei «D. Sebastião, seu sobrinho, mortos eram antes d'elle tantos «outros principes, todos herdeiros do reino: ficava tão sómente o cardeal Henrique que por sua larga idade e má disposição, se julgava que teria poucos dias de vida, pelo que «estava o reino quasi sem herdeiro.

«Mas o rei dos reis, que, bem que a nós pareça que algumas vezes tarda, com egualdade julga e executa todas as coisas providentemente, assim que, emtanto deixava gosar o «reino ao rei Henrique nos poucos dias restantes, livrou milagrosamente das mãos dos mouros ao que queria que fosse «nosso verdadeiro rei, digo milagrosamente por que certo parece impossivel que humana prudencia houvesse podido livral-o como succedeu, por que, como sabem fazer aquelles «infieis, sendo este principe, devia ser apresentado a seus principes, tido em prisão perpetuamente, ou ao menos resgata-

cutiladas, que não houve quem para logo o estre-
masse na méda dos que morreram á volta d'elle,
com o heroico exemplo de tão alto magistrado!
Quantos oradores dos *meetings* da nossa idade fa-

«do a trôco d'alguma cidade ou fortaleza, ou grão somma de
«dinheiro ; mas (vêde se foi milagre !) em pouco tempo ficou
«livre sem algum resgate. Veio a este reino, onde a fortuna
«ainda não farta lhe offereceu mil trabalhos, que elle com sua
«virtude sobrepujou. Vêdel-o agora aqui bem ao parecer cer-
«cado de inimigos ; mas elle confia em vosso valor, e eu em
«sua prudencia, que tudo vencerá. Agradecei-lhe por querer
«tomar o sceptro, com os emulos que toma, que mais é por
«amor que vos tem que pela cubiça que tem de reinar ; por
«que não como rei, mas como pae e irmão de todos se offe-
«rece a tratar-vos sempre. Quem pensaes que seja este a
«quem damos agora o imperio sobre nós ? O verdadeiro tron-
«co, a legitima prole, a unica planta que resta de nossos reis,
«o neto d'el-rei D. Manuel, de gloriosa memoria, nascido de
«Luiz, seu filho, a maior e mais forte columna que houve em
«nossa Lusitania. A elle pertencem estes reinos de jus, e ain-
«da que não fosse como não pôde deixar de ser, deveriamos,
«fugindo todos os de mais lançarmo-nos em seus braços, por
«que d'esta maneira fica segurissima nossa liberdade, e de
«outra sorte é certissimo o jugo e a tyrannia.»

Accrescenta o historiador que ás ultimas palavras succede-
ram estrondosas acclamações, e logo o corregedor, agitando o
estandarte real, bradou : *Real, Real por D. Antonio, rei de
Portugal.*

riam um d'aquelles assim capaz de morrer em duello tão desigual contra o maior general do tempo?

Pois alli acabou, onde cumpria a D. Antonio acabar, se a inepcia militar não competisse n'elle com a pusillanimidade.

A consorte do intrepido magistrado chamava-se *Maria*. Este nome vulgar tem já de si uma historia extraordinaria, senão original. Estava ella ainda embrionaria no seio materno, quando soou por tres vezes nos ouvidos de sua mãe, a senhora Catharina Reimundes, de Lisboa, que a menina por vir houvesse nome *Maria*. Era Nossa Senhora quem lh'o assim pessoalmente ordenava.

A tempo que os ares atoados da artilharia levavam, do lado do mar, aos ouvidos da consorte do corregedor aquelle ingentissimo ulular da morte, devia de estar ella, genuflexa ante o seu santuario, pedindo ao Senhor a vida do marido, que lhe era desde muitos annos um casto companheiro. Dezoito annos de vida marital com a pureza das nupcias dos anjos! Assim nol-o encarece fr. Luiz dós Anjos, o dulcissimo chronista das senhoras capazes de taes prodigios e d'outros que já agora não andam imitada, nem sequer benemeritos das sympathias publicas. Relata asssim o eremita de Santo Agostinho: «... N'estes exercicios gastou dezesete annos de-

«depois que casou; mas desejosa de se dar a outros
«mais altos, e ter outro modo de vida mais rigo-
«rosa, alcançou de seu marido licença para viver
«apartada d'elle nas mesmas casas com voto de
«continencia, que de seu consentimento fez; com o
«qual viveu dezoito annos mais, até o marido mor-
«rer...»¹

E o valoroso corregedor morreu a 25 de agosto de 1580.

A supplicante senhora, ignorando sua viuvez, poucas horas depois foi presa, e logo em seguida transportada a um carcere de Castella com a mãe e irmãs do conde de Vimioso, com as filhas, irmãs e esposa de Diogo Botelho, com D. Violante do Couto, e outras damas arrastadas para sêvo da cólera de Filippe II.

O douto historiador Rebello da Silva, informado por uma carta do prior do Crato a Gregorio XIII, contida em um raro opusculo denominado *Briefve et sommaire description de la vie et mort de D. Antoine*, (Paris, 1589), refere: «... A mulher de Manuel da Fonseca da Nobrega, um dos que succumbiram na desastrosa peleja de Alcantara, ainda banhada nas lagrimas da viuvez, sentiu as mãos das

¹ *Jardim de Portugal*.

justiças travar-lhe do braço, e arrastal-a quasi de cima do cadaver, que pranteava, para o sombrio claustro, aonde havia de cerrar os olhos na terra estrangeira entre a saudade de um tumulo e a saudade do seu berço.»¹

São importantes as inexactidões d'este periodo.

Maria, quando foi presa, ignorava que seu marido tivesse morrido. Não foi levada a claustro, senão ao castello de S. Torquaz. Não morreu em terra estrangeira; mas sim na sua, para onde voltou livre, quando as justiças houveram certeza de que o marido era morto. Authorisa-nos esta contradita a relação que nos deu fr. Luiz dos Anjos da viuva, sua contemporanea.

A opulenta senhora, ao mesmo passo que a prenderam, foi esbulhada dos seus haveres, e, pobre e maltrapida de longa jornada, a sepultaram nas trevas d'um carcere, onde a morte não pôde vencel-a ao cabo das agonias de tres annos. De tempos a tempos, era chamada a perguntas, e ameaçada com a tortura, para declarar onde seu marido se escondera depois da batalha de Alcantara. Não respondia, de alheada que estava em contemplanções dos seus altissimos amores. Um dia, porém, manda-

¹ *Hist. de Portugal.*

ram-na os algozes despir-se para ser tracteada no pôtro. E ella, obedecendo e desnudando os braços, dizia socegradamente: «Louvado seja meu Senhor Jesus Christo! nenhuma coisa sei das que me perguntam.»

Esclarecido Filippe II quanto á morte de Nobrega, saiu a viuva do carcere, e voltou mendigando a Portugal. Desbalisada dos bens do marido e de seu mesmo patrimonio, recebia esmolas em Lisboa; mas tão minguadas que lhe não bastavam a matar a fome; rasão de lhe durar muito a vida e resfriar a caridade dos bemfeitores, diz o graciano fr. Luiz dos Anjos. Este frade, que tão atinado e puro escrevia a sua lingua, bem podera cerrar n'este ponto a commovente biographia da viuva do heroico magistrado. Havia ahi sobejante incentivo á nossa estima e compunção. Não usavam, porém, os biographos d'aquelles dias escrever vida virtuosa que a não enfeitassem de geito a poder transferir-se para os agiologios.

E assim ajunta fr. Luiz aos trabalhos de Maria Reimundes: «permittiu nosso Senhor que os proprios demonios do inferno lhe dessem muitas pancadas e a tratassem muito mal». Propriamente dentro da egreja soffreu a pobre senhora semelhantes insultos e tozas. Uma vez, o «demonio a derribou

e a arrastou pelo chão, levando-a de uma para outra parte, até que a subiu ao degráo mais alto do altar mór, que tinha muitos degráos, e deitou-a com grande impeto por elles abaixo, d'onde ficou tão pisada e moida, que não se pôde aquelle dia confessar, nem commungar, e vindo para casa lhe viram todos o rosto negro e pizado e o corpo cheio de nodoas, e ella com tantas dôres e gemidos, que se não pôde erguer da cama alguns dias».

Era estylo e regra começarem as predestinadas a maiores mercês pelos arrebatamentos que as alçavam em pontas dos pés; depois vinha a claridade dos resplendores deslumbrantes, e por derradeiro as chagas. Estando, pois, Maria Reimundes ajoelhada uma vez deante d'um crucifixo da Graça, algumas pessoas, e entre ellas um frade, viram uns raios mais resplandecentes que os do sol baterem na cabeça da serva de Deus. Passados dias, ao tosquiarem-na, viram-lhe uns buraquinhos muito miudos e penetrantes ao modo de corôa de espinhos, com o que ficaram espantadas.¹

A viuva do amigo de D. Antonio chegou aos setenta e sete annos, sem que a suspeita injuriosa de hypocrisia lhe enodoasse a fama. Não seria estra-

¹ *Jardim de Portugal*, pag. 591.

nha offensa desconfiar algum incredulo, como o calvinista hespanhol, que Maria Reimundes ulcerasse a cabeça com algum canivete, á maneira de Maria da Visitação. O desastre da prioriza daria ansa a duvidas impiedosas e motivos de vigilancia á inquisição. Nenhumas saíram a marear-lhe os creditos de santidade. Maria Reimundes santificou-se, chorando o esposo, morto em Alcantara, por espaço de vinte e oito annos. Os buracos da cabeça inventaram-lh'os. Se fr. Luiz dos Anjos acreditasse que uma fraca mulher, sem marido, sem parentes, sem pão, tirada das trevas da masmorra para tribunaes decorados com instrumentos de tortura, podia ser virtuosa e santa, abster-se-hia de a levantar em bicos de pés e de lhe esburacar a cabeça, e de a trazer a trambulhões do demonio pelas egrejas com o consentimento de Deus.

A viuva de Manuel da Fonseca da Nobrega nunca disse a alguém que Jesus Christo a favorecera com os dolorosos signaes da sua corôa. Padeceu e morreu. Se os frades da Graça a não pregoassem santa, Maria da Visitação permaneceria no seu mosteiro fazendo pirraças ás filhas de Fernão Alvares d'Andrade, e chamando-lhe o cão pelo nome do honrado ministro de D. João III.

Foi a inveja que a perdeu.

O FRADE QUE FAZIA REIS

I

Até ao lance de lhe ensaboarem os symulacros das chagas, a prioriza da Annunciada, como dito é, foi pregoada santa por varões em que mais lustravam virtude e saber.

Fr. Luiz de Granada, primaz entre os incylcadores da santidade d'ella, morreu no mesmo anno em que a inquisição condemnou a sua recommendada. Sabe Deus se tamanho e tão desastroso engano foi parte na morte do preclaro confessor e amigo da rainha D. Catharina.

Quem sobreviveu ao opprobrio de Maria da Visitação foi um frade graciano, prégador regio, provincial dos agostinhos, formidavel inimigo de castelhanos, e visitante habitual da grade onde a santa se amostrava como graça divina aos que me-

reciam, mediante ella, entrever o paraizo. Chamou-se o frade Miguel dos Santos.

Fr. Miguel tinha honrado o pulpito lusitano, e ganhado o affecto de seus soberanos, desde D. João III até D. Antonio, o prior, que elle ajudara a co-roar e por amor de quem se batera bravamente em Alcantara.

Cingia a fronte do insigne frade ùma aureola de profeta desde que, no pulpito da Graça e nas praças de Lisboa, presagiara o desastre de Alcacer-el-quivir, a tempo que os preparativos da funesta jornada estrondeavam. Para muitos de seus ouvintes, fr. Miguel era doido e não profeta: que os fidalgos, agravados da audacia do graciano, antes queriam voltar costas ao sandeu que descerem-se a contender com o prenuncio da perdição do reino. O frade arguia os vicios da sociedade, maiormente os da fidalguia, para a qual Deus estava preparando severo castigo nas areias africanas. Investivava o clero inculcando-o motor dos desatinos bellicosos do rei. Trovejava do pulpito sobre as pompas da Asia que já não bastavam ás mulheres dos que se iam á Berberia em demanda de maior requinte de galas. Não eximia fr. Miguel classe alguma do quinhão de culpa na jornada do neto de D. João III. O prégador da côrte apenas tinha por si o povo

miudo; que o povo, dado á vida mercantil, folgava de vender usurariamente suas mercadorias, nomeadamente as de mero pompear com que os jubilosos fidalgos se arreavam para assistirem á coroação do imperador de Marrocos.

II

Destroçado o exercito e morto o rei, fr. Miguel dos Santos foi convidado para prégar o sermão de exequias, no dia 19 de setembro de 1578.

O templo dos Jeronymos em Belem escassamente acoitava metade dos consternados paes, filhos, irmãos e viúvas que buscavam ali mitigar as ancias da sua saudade acerbadas pela miseria subita onde inesperadamente se viam abysmados. Nas profundas abobadas soavam os clamores da multidão, quando o provincial dos agostinhos assomou no pulpito e prorompeu n'estas vozes: ¹

¹ Este discurso funeral, dignissimo de ser estampado desde a hora em que foi escutado quanto os convulsos gemidos permitiam, não saiu da pasta do orador, senão para ser trasladado por algum curioso. E' bom de aventar o motivo d'esta injustiça á peça concionatoria mais historica e eloquente d'aquelle tempo. E' que o sermão offendia a nobreza e o clero. Se resalvava a classe popular, essa valia pouquissimo para contrapôr-se ás repugnancias da censura.

A copia, que possuo, encontrei-a appensa aos manuscri-

*Tibi, Domine, justitia; nobis autem confusio faciei, sicut est hodie viro Juda et habitatoribus Hierusalem... regibus nostris et patribus nostris qui peccaverunt.*¹

DANIEL, CAP. 9, V. 7 E 8.

ptos de Fernão Rodrigues Lopo Soropita, já publicados, e de letra coeva. Outra copia, bem que infidelissima e incorrecta, possui o meu erudito amigo o sr. visconde d'Azevedo, cuja opulenta bibliotheca em elementos de historia se avantajava ás mais escolhidas. Sua excellencia, já n'este anno, consentiu que um semanario religioso do Porto publicasse o sermão de fr. Miguel dos Santos. Confrontei-o com o meu e notei essenciaes differenças que me não dispensam de estampar o que julgo genuino, e póde ser que autographo. De mais d'esta rasão accresce a de ser este documento o mais valioso na biographia d'este frade, tão repetidas vezes personificado em romances e historias d'aquelle tempo. Os senhores José de Torres e Miguel d'Antas escreveram modernamente ácerca do celebrado eremita, e ambos alludem ao sermão por maneira bem significativa de que o não viram. No «Rei ou impostor?» do sr. Torres, e no valiosissimo livro *Les faux Don Sébastien* do sr. Antas refere-se que um fidalgo, na vespera das exequias, dissera a fr. Miguel que visse o que prégava, que el-rei D. Sebastião estaria presente ao seu funeral; e, findo o sermão, o mesmo fidalgo avisara o frade do beneplacito com que fôra ouvido d'el-rei. Quem ler o sermão verá que não ha ahi palavra em que transpire duvida, senão o convencimento do orador quanto á morte de D. Sebastião.

¹ A justiça é tua, ó Senhor; a nós porém não nos resta

«Entre os apellidos, que a Virgem bemditissima nossa Senhora tem, é ser Esperança nossa. Assim chama cada dia a Egreja por ella, dizendo: *Spes nostra*: quiz que só ella fosse o fim ultimo e principal de nossas esperanças; que o al nada é. E bem o vêdes n'esta misera, luctuosa, lamentavel desventura presente, quão em breve e como acabaram tantas esperanças de tantos senhores, de tantos morgados, de tantos officios, de tantas privanças, de tantas valias. Perdoae.

«Por onde tivéssemos esta certeza fosse a Virgem bemditissima, mãe sua, *in te omnis spes vitæ et disciplinæ*, diz o Espirito santo: vós sois nossa esperança, refugio de nossos males, alivio de nossas penas, consolação de nossas miserias. E, por que o meio de tudo isto é a graça, a ella nos socorremos; e para mais a obrigarmos, saudemol-a com a oração angelica, dizendo *Ave, Maria*.

«Domino Deo nostro justitia nobis autem confusio faciei nostræ.

«No tempo em que pelos grandes e excessivos e horrendos peccados de Israel permittiu Deus justis-

senão a confusão de nosso rosto, como succede hoje a todo homem de Judá e aos habitantes de Jerusalem... e aos nossos reis e paes.

simamente que aquella sua cidade de Ierusalem, de que tanto se pagava, como quem de todas as terras só aquella escolhera para seu assento e repouso, em ella e em seu celebre e sumptuoso templo com tanto gosto se gloriava, o de communicar com o povo seu tão amado, que lhe chamava o querido das meninas dos seus olhos (*qui tangi vos tangit pupillam oculi mei*): puderam, porém tanto ¹ que a desamparou de tal maneira que deu licença ás nações barbaras, que elles ² tanto assenhoreavam e tributavam, entrassem na santa cidade, profanassem o santuario, destruíssem os soberbos e sumptuosos edificios, não deixassem pedra sobre pedra, e levassem comsigo para Babilonia, maniatados com muita deshonra, todos os nobres e fidalgos d'aquelle reino, captivos em servidão dura e affrontosa.

«Depois que se lá viram na terra dos inimigos com braga e adôbes nos pés, sem camisa, sem sapatos, com almofaça nas mãos nas estrebarias dos barbaros, (não choreis, que taes tendes vossos filhos... Deixae-os estar, que vós o quizestes! Ouçam... *quem admodum vexatio dat intellectus* —

¹ *Os peccados de Israel.* Aqui ha descuido grammatical do auçtor ou omissão do copista.

Os esrailitas.

a tribulação abre os olhos do entendimento) as miserias, em que se viam, lhes abriam o caminho para conhecer a verdade que, a gritos de tantos profetas, elles não crêram pela cegueira de suas cubiças em que viviam. Ora pois: conhecendo que aquelles trabalhos eram fructa de peccados, tornando sobre si, escreveram uma carta aos moradores de Hierusalem, — que eram gente pobre e baixa que Nabucodonosor havia deixado na terra para que de todo se não perdesse, porém tal que não tivesse parte para levantar-se — a pedirem que se lêsse no templo, á vista de todos, em um dia mui principal e solemne, para que viesse á noticia de todos a sustancia da carta, que era esta: «O senhor Deus nosso é justissimo em todas as obras suas: a nós nenhuma outra coisa cumpre mais que affronta, deshonra e vergonha de nosso rosto. Como este presente dia nos mostra esta nossa cidade e nosso reino: vergonha de nossos reis, de nossos principes, de nossos sacerdotes, de nossos parentes, de nossos paes».

«Com quanta maior rasão podéra dizer por si hoje n'este dia o triste e desaventurado reino de Portugal! Vêde-o vós, pois! Dês que o mundo é mundo, não ouve desventura igual a esta! Mandava Deus que todas as obras abalisadas, ou fossem

de morte ou de castigo, se escrevessem: a rasão era para que fossem em perpetua memoria — *ut cognoscat generatio alia*. Que triste, que lamentavel historia se compara agora á d'este reino, em outro tempo tão glorioso, que sendo tão pequeno em gente, era tão grande em esforço e animo que, lá na India, tantas mil leguas d'aqui, fazia tremer a barba a nossos imigos! Quando se escrever que seu rei com toda a flor do reino, em menos de tres horas, se consumiu de todo, á vista e fardo da nossa terra, ás mãos de imigos barbaros e covardes a quem só nossos peccados fizeram esforçados! Que deshonra esta do nosso rosto! de nossos reis! de nossos principes! de nossos bispos! de nossos pre-gadores! de nossos paes! Que deshonra esta para vós, rei D. Affonso Henriques! pois as vossas armas com que libertastes este reino, com que vencestes cinco reis mouros no campo onde Jesus vos appareceu no céo crucificado, no campo de Alcacerquibir, não sem grande deshonra vossa, ficaram! Que affronta esta para vós, D. João I de gloriosa memoria, cujo esforço deu a este reino Ceita, chave de toda a Hespanha! Que affronta para vós, reis, que sopeastes Africa! Que affronta para vós, senhor rei D. Manuel, a cujos pés todos os reis do Oriente vinham com as mãos cruzadas dar

obediencia! O que direi de vós, senhor D. João III, santo! digo *santo*, por que o santificaram suas obras, em cujo tempo este reino houve muitas e mui grandes victorias; que direi, quando veio vosso neto a ser despido entre os mortos no campo de Alcacer e sem sepultura! Que vergonha esta, que deshonra! *nobis autem confusio faciei nostræ.*

«Chorando David a deshonra de Israel, quando, no monte de Gelboé, foi o desbarate do rei Saul, onde elle e seu filho Jonathas, com a flôr do reino, perderam a vida ás mãos dos philisteus, seus inimigos, dizia assim: *montes Gelboe, nec ros, nec pluvia veniat super vos!* montes desaventurados, de hoje por diante nem orvalho nem chuva do céu caia sobre vós, pois ahí caíram os fortes; ahí se perdeu a nobreza; ahí ficaram as armas de Saul; ahí o capacête, como se não fôra rei unguido de Deus — *Saul quasi si non esset lotus a Deo.*

«Quanto com maior rasão pudéramos fazer pranto sobre os campos de Alcacer! Campos desastrosos! de hoje mais adeante não deis fruto! malditos sejaes para sempre! pois em vós perdeu Portugal sua antiga nobreza! em vós se acabou seu esforço! em vós teve fim sua honra! onde ficaram vossos filhos, vossos irmãos, vossos maridos! Onde ficou o vosso rei tão formoso, como se não fôra rei christão!

«Depois de morto Saul, não faltaram varões esforçados, *viri fortissimi*, diz a escriptura, que arriscaram suas vidas, toda uma noite, para descobrir o corpo do seu rei entre os mortos; e tanto andaram, até que o acharam, e, levando-o, lhe deram outra sepultura. Que deshonra de Portugal, morrer vosso rei em parte onde nenhum de vós soube dar conta d'elle, cujo corpo despido entre os outros, ainda não sabemos em que parte tem sepultura. *Nobis autem confusio faciei nostrae.*

«Depois que David, entrando de noite na tenda de Saul, seu imigo, perdoando a vida, em signal de beneficio, lhe levou a lança que tinha á cabeceira, e um frasco de agua; saindo do arraial, poz-se no tezo de um monte e começou a chamar: *Abner, Abner, quomodo dormis...?* Como! é esse o cuidado com que guardastes o vosso rei? rei, que com tantas mercês vos tem ennobrecido? que não ha em Israel, outro que mais te estime?... Olhae, olhae para cá, e conhecei se é esta a lança e frasco de vosso rei! Vêde, pois, se lhe pudera tirar a vida quem, dormindo elle, sem o vós sentirdes, lhe entrasse na tenda! Muito má conta daes de vós! Dignos de morte sois todos, pois não guardastes vosso rei! *Nobis autem confusio faciei nostrae.*

«Vergonha é para Portugal morrer seu rei, onde

nenhum privado, nem senhor, nem grande, nem pequeno, soube dar conta d'elle! E nós? taes que não merecemos mais que affronta e deshonra do nosso rosto!

«Cuidar n'isto, parece sonho! Quem viu, hoje ha tres mezes, Portugal e o vê agora! Tanta festa, tanta galantaria, tanta riqueza, tanta formosura!...¹ Quem cuidará que em tão breve tempo, com tanta deshonra havia de acabar tudo! De mim vos direi que nunca me alegraram todas estas festas, antes então se me enchiam os olhos d'agua, quanto mais contentes e formosos os via! Não sei que espirito me dizia o que isto veio a parar! Ao menos, nunca vos eu abonei esta guerra; antes gritei a desordem d'ella muitas vezes, e tanto que a muitos de vós eu parecia doido. Ainda mal que o não fui; por que menos mal me fôra!

«Amigos! isto é acabado! Tremem as carnes cuidar n'esta desventura, cançam os espiritos, enleia-se o entendimento, antepara o juizo, embarça-

¹ A descripção mais detida e curiosa das pompas que lustraram a sahida de D. Sebastião para Africa, é a extrahida d'um inedito e publicada pelo senhor A. Herculano, sob o titulo *Archeologia Portuguesa* a pag. 317 e seg. do tom. 7 do *Panorama*.

se a rasão! Cuidar que um rei que lagrimas pediram, lagrimas criaram, lagrimas sustentaram, acabou assim da maneira que vêdes!...

«Ora, ouvi: Não ha maior erro na vida que quererem os homens medir as obras de Deus pela fraqueza do seu intendmento, perguntando a Deus: «Como assi, Senhor! ordenaes isto, permittis est'outro? deixaes isto, tomaes aquell'outro? Nós não vemos a rasão: dizei-nos o porquê.» Deixae-vos d'isso; não vos metaes n'esse pégo que, além de fundo, é muito perigoso. *Quis novit sensum domini, aut quis consiliarum ejus fuit?* Não ha Deus mister conselho. Não pergunte ninguem nada, nem queira saber o porquê das coisas. Incompreensíveis são seus juizos, investigaveis seus segredos. De maneira que não ha mór erro que quererdes medir a grandeza das obras de Deus pela rudeza e pouquidade de vosso intendmento.

«Não vêdes que por que dois sacerdotes da lei velha, Dab e Abiud, filhos de Aron, esquecidos da obrigação que tinham de aviventar o fogo que Deus queria que ardesse sempre em seu tabernaculo, foram buscar fogo fóra para continuar seu sacrificio, do que se houve Deus por desservido, que de uma das ilhargas do altar, que incensavam, saiu fogo miraculoso com que os queimou e em breve

converteu em pó e cinza? E que soffra este mesmo Deus tantos sacerdotes, como eu, na terra, que em suas indignissimas mãos tomem seu corpo e sangue verdadeiro cada dia, e vivam sem castigo! Senhor! que é isto? Um descuido leve castigaes tão asperamente, e por peccados tão feios passaes sem castigo?... — Se julgardes isto pela fraqueza de vosso intendmento, errareis depressa.

«Mas, quando David quiz trazer para a cidade a arca do Senhor, mandou-a pôr sobre um carro novo, e caminhavam com tão grande alegria e alvoroço que o mesmo rei vinha bailando deante d'ella. Chegando a certo passo, imbicaram os bois, e pendeu a arca de maneira que pareceu que caía. Ora um dos carreiros poz a mão na arca, e teve-a que não caísse. Diz a Escriptura que se indignou Deus tanto, que logo de morte subitanea matou a Oza em presença de todos, dizem alguns, e com rasão, por que deixou seu officio e intendeu no alheio. Deus fel-o carreiro e não sustentador da arca; parece que se quiz gloriar que elle a sustivera, e que, se elle não fôra, que caíra. Ha homens tão ignorantes que se tem persuadido que onde elles não põem a mão tudo vae perdido, e que toda a vida gastam em gloriar se que se elles não foram, já não houvera mundo. Ora, Senhor! pois castigastes a

este tão rigorosamente, por coisa que, a nosso juízo, parecia obsequio devoto, amoroso serviço, obra santa e de piedade, e que soffraes tantos máos homens que denodadamente metem a mão na vossa egreja, e nos ministros d'ella e em suas coisas? Ouvi, não medaes isso por vosso intendimento que errareis.

«Mais. Josué, aquella grande capitão do povo de Deus, sobre tantas e tão grandes victorias, que houve de seus inimigos, no cerco da cidade de Nahim, perdeu trinta e seis mil homens, e assaz vergonhosamente. Sabendo isto o capitão, *scidit vestimenta sua*; queixou-se a Deus com muitas lagrimas, e Deus lhe diz: «Josué, vae-te d'ahi que peccou o teu povo.» E, fazendo pesquisa de quem era culpado, achou que um soldado por nome Acham, na presa de Jericó, cidade que pouco antes havia entregue a esta gente com tal condição que ninguem fosse ousado a tomar nada do despojo, mas que tudo se destruísse, este pobrete, vencido da cubiça, tomou uma capa de gran, uma varinha de prata, e duzentas moedas que, quando muito, sommaria tudo vinte cruzados. Sentiu Deus isto tanto que desfavoreceu seu povo, e o entregou nas mãos de seus inimigos, e não se deu por satisfeito até não matarem Acham, com o furto, seus filhos e filhas, bois e fa-

zenda, e o mais que lhe pertencia. A elle apedrejaram, e o mais queimaram em presença de todos, e sobre elle fizeram um monte de pedras para que ficasse memoria de tal castigo.

«Valha-me Deus! Senhor! que é isto? Um furto tão leve que em parte póde ter desculpa, pois é despojo de guerra, em que vos serviu, coisa é isto de tanto castigo! E que soffraes tantos ladrões publicos como ha no mundo, tantos roubos tão manifestos, tantas ladroeiras tão desnudadas, tantos furtos tão manhosos? Não vos enganeis, por que, se o medirdes por vosso intendimento, errareis.

«Mais. No tempo da primitiva egreja, quando os christãos tinham nada proprio, vendiam o seu e viam em commum; e por que então Ananias e Saphira, marido e mulher, vendendo certo campo, reservaram parte do dinheiro para si, encubriendo a S. Pedro, e mentindo lhe que o haviam vendido por menos, reservando para si mais, tomou-se tanto o Espirito santo que mandou a S. Pedro logo os castigasse com morte subitanea, e assi logo foram enterrados á vista do povo. Que é isto Senhor? Uns homens cuja obrigação não era viver em pobreza, castigaes com morte, por que do seu proprio campo reservaram dinheiro quiçá para suas necessidades, e que soffraes tanta gente religiosa,

cuja profissão é viverem sem nada, com tanto saquinho e com tanto bolsinho, e com tanto proprio como se vos não houvera promettido pobreza! Tende mão! não vos façaes juiz. Deixae ir Deus; que, se medirdes isso pela pouquidade do vosso talento, errareis.

«Mais. Ver Salomão, um rei tão querido de Deus, que lhe chamava filho, tão ennobrecido de suas mercês, tão sublimado sobre os reis da terra, tão sabio, tão prudente, tão formoso, tão amado do Senhor, oh! e que o vejamos depois de maneira que duvidemos de sua salvação! Ah! não deis razão, não julgueis isto! Só Deus sabe o porquê. Não medaes as obras de Deus pela rustiqueza de vosso intendimento, que errareis.

«Assi, cuidar no mui alto e poderoso rei D. Sebastião, que nomes são estes que elle não perdeu, posto que perdesse a vida, a qual não deixou no campo como covarde — como chorando David a Abner, capitão generoso, dizia: «não morreu Abner, como costumam morrer os covardes; suas mãos não foram atadas, seus pés não tinham ferros; mas morreu como esforçado cavalleiro, assi como costumam os valorosos deante dos filhos da maldade.» Não morrestes vós, meu rei, na guerra como judeu nem como covarde, vossas mãos não foram atadas

como captivo, vossos pés não trouxeram braga, não vos feriram por detraz como quem fugia, não dissestes: «Sou rei, não me mateis!» estimastes mais a honra do que a vida, destel-a em sacrificio pela fé e serviço do vosso Deus, e remedio de vosso povo, que ainda que tinheis condição auctorisada, com tantos grande desculpa tinheis.

«Rei, desde menino, criado em vontade com mimos, digo com fumos de imperador de Marrocos, levantados com auctoridade de muitas mentiras entonadas com tantos capêlos, e assopradas com tantas lettras e tanta nobreza, não era muito que nol-o levassem onde vimos! E, sobre tudo, nenhuma culpa tendes, meu rei, por que vossos annos, se a tinham, correndo a idade puderam ter remedio e emenda.

«Pois quem vos matou, meu formoso? Matou-vos o bispo, matou vos o clerigo, matou-vos o frade, matou-vos a freira; matou-vos o grande, matou-vos o pequeno, matou-vos o privado, matouvos o baixo, matou-vos o povo, matei-vos eu, matámol-o todos quantos somos, pois entre nós não houve um ta-noeiro que lhe tivesse mão pela redea, como já se fez a outro rei d'este reino.

«Querendo David ir á guerra contra Absalon, estorvou-lhe o povo com muitas lagrimas, dizendo:

«Não ireis ! Melhor vos guarde Deus, senhor rei ! não ireis connosco á guerra ; por que, se fugirmos, não será affronta vossa ; e, se morrermos, ficareis vós vivo para remedio de nossas mulheres, para amparo de nossos filhos.» Por reverencia de Deus que me digaes quantas camaras fizeram esta arenga a el-rei ? *Nobis autem confusio faciei nostræ.*

«Vendo a mãe de Tobias que lhe tardava o filho do logar onde o mandaram cobrar certo dinheiro para remedio de sua propria vida, chorava, diz a Escriptura, a mãe d'uma parte, o pae d'outra, e a suspirar a mãe dizia: «Ai! filho da minha alma, lume dos meus olhos, que vos viam cada dia sustentação da nossa velhice, alegria de nossa vida, esperança de todos os nossos bens ! máo grado haja o dinheiro que vos tirou de nós ! bastava ter-vos presente para haver por riqueza a nossa pobreza !»

«Bem sei que estas e outras semelhantes lagrimas, com bem saudosos suspiros, dareis, muitas vezes, todos quantos sois, em vossas casas, por esta desventura ! Ai! meu pae ! — ai! meu filho ! — ai! meu marido ! — ai! meu irmão ! — ai! meu primo ! — ai! meu senhor ! — ai! meu amigo ! Mas tambem vos castigou Deus por que não déstes estes ais pelo que mais relevava. Com quanta maior rasão podereis suspirar : Ai! meu formoso e só lume d'este

reino ! uma só esperança de nosso remedio ! um só amparo nosso ! Onde vos deixámos ir ? quem vos tirou de nós ? Mão grado haja o Xarife que em fim no inferno está, pois que por tão pequeno interesse havia de ter este reino tão grande perda ! Que maiores riquezas queriamos nós que ter-vos a vós na terra com nossos paes, nossos filhos, nossos maridos !

«Mas, *Domino Deo nostro justitia*, mas Deus é justissimo, já que vos não lembrou o bem commum, senão que só o vosso particular interesse foi tão grande que a todos fez calar e não houve ninguem que gritasse. Todos mentistes. Todos lisongeastes, nenhum de vós fallou verdade, recurvando e retorcendo a condição do rei, e insaciavel fome de vossa cubiça, um por casar as parentas, outro por melhorar o officio, outro por haver commenda para os filhos e netos, outro para assolar o reino. Deus é justissimo, não vos tomeis com elle; que tantas lagrimas de pobres, tantas oppressões do povo, tantas vexações tão exorbitantes em que o rei tinha pouca culpa ou nenhuma. Pois não faltavam letrados que lhe diziam que sim, podia; mas como a culpa toda foi nossa e de nossos peccados, juizo justissimo é o de Deus, que não tenhaes paes, nem maridos, nem filhos, nem irmãos, nem parentes,

nem honra, nem vida; estou em dizer que nem Deus, senão affronta perpetua, sibilo perpetuo, ignominia indelevel em vosso rosto. *Domino Deo nostro justitia nobis, autem confusio faciei nostrae sicut hoc dies.*

«A rasão que Deus dava para se embravecer tão asperamente contra o Egypto era pelas tyrannias que os officiaes do rei faziam ao povo; e assim as clamarosas vozes d'estes queixumes chegaram ao céo de maneira que disse Deus: *Vidi afflictionem populi.* Como quereis que clamores do povo tão avezado e opprimido não ouvisse Deus? Clamores, digo, em que el-rei teve menos culpa, pois a principal era dos ministros por onde isso correu. Por isso não vos espanteis do castigo, e acabaes de crêr que Deus é justo, e não merecemos mais que vergonha e confusão.

«Mas, dir-me-heis vós: — Bem me está a mim que isto seja a quem lá levou el-rei; mas o meu filho, o meu marido, o meu irmão, o meu parente, e os mais que não foram n'esse conselho, mais que por obrigação de lealdade que devem a seu rei o seguiram, que culpa tem n'isso? Respondo-vos que n'isto tem culpa, e morreram na empresa duvidosa de sua salvação; e os que a não tem, levavam sobre si a de seus paes.

«Dando Jeremias rasão por que o povo de Israel fôra captivo, dizia : «Foi captivo o meu povo por que não tinha entendimento» como se dissera : «já que esta gente se ensoberbeceu tanto com o mimo com que os tratei, sempre esquecidos de sua miseria, e quizeram rebelar-se contra mim, eu os porei em escola e levarei a terra que muito á sua custa aprendam quem são.»

«Andavam os nobres de Portugal (e perdoae-me !... mas não me perdoeis... E' já acabado... Não queria prégar mais...) tão soberbos, tão entonados que ainda na igreja faziam sobrancerias a Deus. O homem, que não era fidalgo, não era de sua bocca mais que vilão ruim. Permittiu Deus pôl os em terra onde lhe não catem cortezias, mas lhe chamem cães pêrros, e lhes puchem pelas barbas, dando lhes de bofetadas e arrepelões: *eo quod non habuit scientiam* — por que não tiveram entendimento.

«Gastaveis vossas rendas com tantas demasias, e que mais custoso era o feitio de umas só calças vossas, do que era a renda que em toda a vida vossos avós, sendo melhores que vós, tiveram. Levou-vos Deus a terra, onde não tenhaes vestido nem calçado; onde as pernas acostumadas a calças d'agulha tragam adôbes e ferros, sem camisa

e sem gualteira — *eo quod non habuit scientiam.*

«Não podieis dormir senão em camas molles e defumadas, com polvilhos á cabeceira, em leitos doirados e cortinas rendadas de prata e oiro. Que não tenhaes cama nem leito, senão dois palmos de chão em uma fedorenta masmorra, com uma pouca de palha, com um *tebes*¹ roto — *eo quod non habuit scientiam.*

«Não podieis comer senão bocadinhos e guisadinhos a que não ha atinar com os nomes, nem beber senão vinhos preciosos e aguas tresnoutadas. Que vades a terra onde o pão vos falte, e louveis a Deus achardel-o de farellos; nem d'agua vos vejaes fartos — *eo quod non habuit scientiam.*

«Vós, senhoras minhas, que cá ficastes, que vos não compadeceis da pobre mulher africana, que vos vinha pedir ajuda para resgate do marido ou filho; que vos vejaes tão pobres e tão gastadas e indívidadas com vossas loucuras e de vossos maridos, que agora para seus resgates hajaes de pedir

¹ Os vocabularios portuguezes que temos á mão desconhecem a palavra *tebes* que, a meu entender, seria *manta*. Póde ser que a expressão seja moirisca e póde ser tambem que não seja senão errada copia de outra que eu não posso averiguar.

esmola á misericórdia, e que vos não ouçam — *eo quod non habuit scientiam*.

«E vós, mimosa, que por dormir até ao meio dia, não vinheis ao domingo á missa, que percaes o somno, e vades de noite e de madrugada, descalça, buscar as santas reliquias, e vos não ouçam — *eo quod non habuit scientiam*.

E vós, namoradaça, que vos direi? Não quero mais dizer: cuidai-o vós... e não vos tomeis com Deus, que tudo que faz é justo — *Domino Deo nostro justitia*. O mal que temos, a vergonha em que nos vemos, é justissimo castigo que nossos peccados merecem.

«E não vos pareça que foi este castigo repentino, não. Já vem de muito longe. Muitos annos ha que nos ameaça Deus com elle a ver se havia emenda em nós; mas viu que nos aproveitava pouco; e por isso temo muito que não venha sobre nós outro peor castigo, pois vejo quão pouca penitencia fazemos por este.

«Costume é de Deus ameaçar um grande mal com outros males menores. Ao Egypto começou por gafanhotos, rãs e mosquitos; mas porém parou em afogar ao rei e todos os seus no mar roxo. Se o não houverdes por enojo, dir-vos hei que quasi todos os que deu ao Egypto em ameaça de mais

grave e principal, deu tambem a este reino que foi a peste que todos vimos, senão rãs, gafanhotos, mosquitos e moscas. Quem morreu d'ella foi a gente pobre a quem faltaram herdades e quintas a que se acolhessem. ¹

«Em Egypto converteu Deus as aguas em sangue. Dizei-me que foi, quando depois que d'esta barra saíu uma grossa armada ao Brazil, que tomaram os francezes, e não perdoaram a alma viva, e tingiram as ondas do mar bravo com o sangue dos nossos portuguezes? ²

¹ 1569 — Foi chamada a *peste grande*. Em tres mezes, julho a setembro, morreram em Lisboa passante de oito mil pessoas. Era a peste dos *tabardões*, assim classificada por fr. Luiz de Sousa, na *vida do Arcebispo*.

² Succedeu o caso em 1570. A frota, composta de sete náos, conduzia ao governo do Brazil D. Luiz de Vasconcellos, e á propagação do Evangelho o padre Ignacio de Azevedo (já agora *Santo*) e trinta e nove companheiros da mesma religião, todos canonisados ultimamente. Foi a frota em conserva á ilha da Madeira, esperando tempo de servir para a viagem da Bahia. O capitão da náosan-Thiago pediu licença ao governador para ir á ilha da Palma chatinar. O padre Ignacio de Azevedo e os seus tambem foram a negociar mercadorias do céo. No rumo da Bahia topou a náos portugueza com cinco poderosos galeões do hugonote Jacques Soria. Depois de tão desesperada quanto desigual peleja, a

«Mas houve em Egypto tempestades, trovões, mortes de gados, ruins novidades: quantos annos ha que vêdes isto em Portugal? ¹ E, entre perdas tamanhas parece que presagio era d'esta desaventura a destruição que, com nossos olhos vimos, n'essa barra, da grande e poderosa frota que se armou de que era general o senhor D. Duarte que está em gloria! ²

não foi abordada, os padres acutilados, mortos e remessados com os outros ás ondas. Santa Thereza de Jesus, n'esta occasião, viu os padres, pelo menos, a entrarem no céo, coisa estimavel que nos assevera fr. Simão de Vasconcellos, na *Hist. da America*, pag. 175, onde o leitor pôde colher mais miudas noticias d'este successo, que tão a ponto caiu no sermão de fr. Miguel dos Santos.

¹ No anno de 1572, uma tempestade no Tejo deu, deavez com uma florentissima armada. No de 1574 foi grande a fome e a mortandade; em 1575 um terramoto em Lisboa arrasou algumas casas. O açoite da providencia divina pesava sobre aquella Argel de indesculpaveis piratas.

² Allude ao duque de Guimaraes D. Duarte, nomeado generalissimo da armada que el rei D. Sebastião mandou em 1572 a soccorrer os catholicos de França. Antes de sair a barra, quasi todas as náos da poderosa armada foram a pique, batida por uma rija tormenta que devia espantar o zelo com que o rei devoto mandava anniquillar os herejes que o não incommodavam. D. Duarte morreu em Evora, no anno de 1576.

«Ajuntae a isto a repentina ruina que depois vimos de Santos-o-Velho, onde pedras mais movidas por providencia divina do que lançadas com a força da polvora, dando em parte onde el-rei costumava estar, não sei se vos diga que mostravam claro aviso para o estorvar.¹ Em Egypto houve trevas palpaveis; que estavam os homens ás escuras e palpavam com as mãos a cegueira: dizei-me que môres trevas que as de Portugal no sonho d'esta guerra! Vós não dizieis uns para outros: «não vêdes isto, que não leva ordem, nem caminho, nem feição!» e todavia, permanestes cegos com vossas respostas!

«O Egypto ficou despovoado de todas as suas joias e riquezas, por que se foram os filhos de Israel d'aquella terra com os colares e braceletes e pendentos e mais peças ricas d'aquella gente. Qual perdido e quão despojado fica Portugal d'esta guerra, com os olhos o vêdes! Qual dos que lá foram não levou d'aqui as peças mais ricas de oiro e prata de sua casa, e quantos levariam de empresti-

¹ Foi o incendio em 13 de dezembro de 1565, nas Tercenas, contiguas á igreja de Santos e ao palacio real. D. Sebastião não podia ser ferido pelas pedras porque no dia 11 tinha saído para Guadalupe a encontrar-se com o duque d'Alva.

mo o que suas mulheres e filhos não pagarão em toda a vida !

«Quereis mais ! mais vos direi.

«Em Egypto matou Deus em uma noite todos os primogenitos desde o filho do rei até o do mais pobre escravo ; e assim não havia parte onde se não chorasse. Que parte ha em Portugal, que cidade tão nobre, que aldeia tão triste, onde não haja quem chore o pae, marido, ou filho ?

«Ao fim, sobverteu Deus no mar roxo o Faraó com todo seu exercito. Bem vêdes como em menos de tres horas, el-rei de Portugal com toda a nobreza d'elle se acabou nos campos de Alcacer — *nobis autem confusio faciei nostræ*.

«Vêde se vos castigou Deus como o Egypto ou não ! Vêde se sou doido ou não como alguns de vós dizieis !. . . Pois peor o tendes ! Por haver por entendido que ainda Deus não recolheu o açoite, ainda não embainhou a espada, ainda a tem alçada ; e, se vos não emendaes, muito deveras temo outro castigo muito peor que este, e quanto a mim não duvido que tarde muito, antes que muito depressa venha sobiando pelas orelhas ; pois ainda agora ha homens tão encarniçados no odio como d'antes, tão grandes ladrões como d'antes. Não vejo n'isto emenda ; antes cada vez peor ; temo

muito que vejamos mais. Tempo é este para se não comer pão alvo em nenhuma casa, e vós fazeis marmeladas; para vestir burel e trazer cilicio, e vós mimaes-vos como sohieis, para andar descalços pelas ruas pedindo misericordia a Deus, e eu não vejo nada d'isto! Temo muito que com muita rasão se não acabe esta força de todo.— *Domino Deo nostro justitia, nobis autem confusio faciei nostræ.*

«Não choreis que me não fio de vossas lagrimas, quando vejo que são lagrimas de Saul, e de Ezaú e de Judas que choravam mais suas proprias perdas, que não as offensas que a Deus tinham feito! Não vos vejo chorar mais que *ai! meu pae!* — *ai! meu filho!* — *ai! meu marido!* — *ai! meu irmão!* — *ai! meu amigo!*... Quizera que chorasseis a honra de Deus, a sua gloria, as blasfemias que agora dirão os mouros ao nome bemitissimo Jesus, havendo que é melhor o seu Mafamede, pois nem nos livrou de suas mãos! Choraes as bandeiras de Christo arrastadas pela areia! Choraes a honra de Portugal perdida! Choraes a infamia d'este reino sempiterna! Choraes com lagrimas o vosso rei que com lagrimas pedistes, com lagrimas houvestes, com lagrimas perdestes. ¹

¹ E' sabido das chronicas o desprazer que deixou em Por-

«Isto é o mais que sentia David na morte de Saul, dizendo: *nolite hoc annunciare inter gentes*—tamanho desventura como esta se não saiba na terra dos filisteos, por que se não alegrem de nossos males. Que alegrias fariam os mouros em Fez, em Marrocos, em Sus e em toda a Berberia, quando soubessem nossa deshonra, quando vissem tantos mil captivos juntos e atados como carneiros! que bater de palmas, que de vozes, que de alaridos, que de festas, que de jogos! Pois isto chora, como digo; e chora-vos a vós que para outros maiores trabalhos estaes guardados, e olhae que sempre vos gritei verdades... Se vos não emendaes muito deveras...

«Fazei volta á vida. Cuidae que tambem tendes quinhão n'esta culpa. Dizei com o bom ladrão: «Pouco teme a Deus quem cuida que está fóra d'este peccado.» Antes dizei com David: «ai! Senhor, que só eu pequei! Que mal fizeram tantos moços innocentes como lá foram!...»

tugal a morte do principe D. João, antes de ter nascido o filho. As preces anciosas com que tinham os portuguezes pedido o successor, quando viram morrer o principe: depois o fim desastrado do rei pedido com lagrimas, dão o motivo da elegante apostrophe do orador.

«Ponde os olhos n'aquelle Senhor crucificado e acabae de vos desenganar que tudo é mentira. Só elle é pae, elle é marido, elle é filho, elle é irmão, elle é parente, elle é amigo, elle nos é amparo, elle nos é remedio, elle nos é abrigo, elle nos é consolação, n'elle ponhamos nossas esperanças, por que assim d'elle receberemos n'esta vida a graça e na outra a gloria.»

III

O eremita de S. Agostinho desde muito possuía a chave da consciencia de D. Antonio, prior do Crato. Influida-lhe no animo, como a filho espiritual, a ousadia de aspirar á corôa d'este reino, quando a onça do Escurial já lhe media o salto á frente do rei-inquisidor. Redigia-lhe em latim ciceroniano as cartas enviadas ao papa, simulando plausiveis rasões de sua legitimidade e jus ao throno. Serviu-o como conselheiro e soldado. Acclamou-o ao lado do corregedor Nobrega, sobrelevando ao trovejar da plebe a sua voz magestosa. Militou em Alcantara; viu fugir o seu rei; mas ficou até ao extremo desbarate.

Perdidas as esperanças dos mais pertinazes e dobrado á corrupção o aço dos patriotas mais ri-

jos, permaneceu o frade, bradando e conspirando contra o usurpador.

Um dia, o amigo de D. Antonio é preso e levado a Madrid. Correu o boato de que Filippe II o enviara ás galés ou a desterro inhospito. O filho do infante D. Luiz, escrevendo a Gregorio XIII, lembrava-se conuido do seu devoto confessor.» Que direi — exclama o proscripto — de fr. Miguel dos Santos, provincial da ordem dos eremitas de S. Agostinho, prestantissimo prégador da rainha D. Catharina, tambem desterrado?»¹

Na carteira do já defunto prior o nome do inquebrantavel frade é inscripto entre os seus mais es-

¹ *Quid dicam de fratre Michaelae à Santis Ordinis Heremitarum D. Augustini Provinciale et concionatore præstantissimo, Reginæque Catharinæ à publicis concionibus in exilium etiam misso?* D'esta rarissima carta, impressa sem data nem local, possui um exemplar o senhor visconde d'Azevedo. Este opusculo é verdadeiramente um brasão de familia do possuidor. D. Antonio lastima a prisão de Martim Lopes d'Azevedo, *optima nobilitate dux*. O senhor visconde é o representante em linha recta d'aquelle fidalgo, que perdeu o grosso de seus haveres no serviço do rei portuguez. Notavel iniquidade! A casa de Bragança nunca restituiu aos senhores de Azevedo os bens de que Filippe II os espoliára. A' historia cumpre averiguar a rasão do secreto desamor que

trenuos amigos. Fr. Miguel pagava este affecto com tamanho excesso que nem já conhecia limites de probidade na gratidão. A seu parecer, a perfidia e as outras villanias concomitantes eram simultaneamente virtudes patrioticas e licitos obsequios ao seu principe.

Preso e expatriado, sob a vigilancia dos alcaides de Philippe II, no ultimo quartel da vida, tantas calamidades soffridas e outras maiores que o ameaçavam, e já, a final, grangeado o favor do rei intruso, que o nomeara vigario do mosteiro de Santa Maria-la-Real e confessor de D. Anna d'Austria, sua sobrinha, tudo foi pouco a demover-lhe o intento de repôr na cabeça de D. Antonio a corôa de seu avô D. Manuel.

N'estas cogitações andava o padre absorvido, quando topou á porta do mosteiro de Santa Maria um homem que o encarava muito a fito e com certo jubilo de amigo que o estava reconhecendo. Quedou-se tambem o eremita a esclarecer as suas reminiscencias, que o encontradiço lhe ajudou, perguntando-lhe se algum dia tinha estado no con-

os braganções abrigaram sempre aos descendentes dos partidarios do Prior do Crato. Igual injustiça passou com a casa de Vimioso, cujo conde, fautor de D. Antonio, havia sido suppliciado.

vento da Graça em Lisboa. Esta pergunta bastou a ordenar as confusas memorias do frade. Abraçou-se no homem chamando-lhe Gabriel, e dando graças a Deus por lhe deparar tão grande amigo.

N'esta conta o avaliava fr. Miguel desde que a soldadesca do duque d'Alva, victorioso em Alcantara, rompeu Lisboa dentro, saqueando a êsmo sem excepção das casas religiosas. Um troço de castelhanos escalara o mosteiro da Graça, rompendo as portas a machado. O provincial, ainda coberto da pocira e polvorada da batalha, saiu aos aggressores a retel-os com terriveis esconjurios. Gabriel, movido por medo ou piedade, fallou á turba dos salteadores com soberania e vingou desvial-os do mosteiro para mais rica e sacrilega preza. Fr. Miguel dos Santos agradeceu a generosidade do soldado, e galardoou-o liberalmente. Assim se ataram as relações dos dois, que volvidos annos se encontravam em Madrigal.

Relatou Gabriel de Espinosa a sua vida desde o ultimo dia em que se despediram. Era um tecido de aventuras extravagantes que suscitavam alternadamente o espanto, a piedade e o riso do circumpecto confessor de D. Anna d'Austria.

— Que modo vivente é hoje o vosso? — perguntou emfim o graciano.

— Pasteleiro, para servir vossa reverendissima.

— Onde vos ensinaram a arte? — voltou o frade impando de riso.

— No Porto, como já tive a satisfação de vos contar. Ha quatro annos que lá dei com os ossos depois de ter perdido tudo no naufragio da náó *S. Thomé*, onde eu vinha bem avençado com D. Paulo de Lima Pereira, e menos mal carregado de pimenta e cravo. Vim para o Porto na companhia da viuva de D. Paulo, uma honesta matrona, chamada D. Brites de Montarroyo, que lá ficou casada com um creado, chamado elle Henrique Homem Carneiro! Ora veja vossa reverendissima que brios tão fidalgos os da viuva de tão grande capitão! Casada com um creado a viuva do vencedor de Canatale, Dabur e Jor!

— E que monta isso — atalhou caritativamente o ancião — Deus sabe a rasão das coisas que se nos pintam desarasoadas. De vós, senhor pasteleiro da má morte, é que vinhamos discorrendo. Com que então chegaste ao Porto...

— E achei-me desamparado, por que a viuva e o seu novo marido nos mandaram buscar nova vida, dizendo que a pobreza os não deixava ter creados. Por ali me andei á matroca de rua em rua, até que por ventura minha me fui jantar a uma estalagem

da Ponte-nova, e succedeu ser hespanhola a môça que me trouxe a comida. Por cortar demoras, senhor fr. Miguel, em palavra e meia lhe conto que me ficaram os olhos na rapariga, e não descancei em quanto a não tirei dos amos e me fui com ella abrir uma pastelaria, na que a minha Ignez era mestra.

— E casastes com ella ?

— Nada, por que lá queriam saber cujo filho eu era, e, a fallar verdade, não sei quem foi meu pae, nem mãe, nem onde nasci. Muitos dias ha que uma velhinha já defunta me disse que eu sahira de um dos mais fialgos ventres de Hespanha ; mas o certo é que me passaram de lá para as lages de uma rua suja de Toledo, e até agora tenho vivido esbulhado dos direitos de tão preclara origem.

— Ecurissima e não preclara — atalhou, remoqueando, o faceto eremita — E todavia... — proseguiu em tom sisudo — quem sabe, senão Deus quantos primos illustres vos comem os pasteis ?

— E quantos m'os comem sem m'os pagar ? — ajuntou o farçante Gabriel, applaudido pelas alegres casquinadas do frade — Vossa paternidade ha de vir a minha casa, e benzer-me a mais linda creatura que viram olhos de homem... E' a minha Clara Eugenia, a minha filha que me nasceu no Porto...

— Filha da tal Ignez?

— Ignez Cid, para servir vossa paternidade.

— *Cid!*... Olá!... Pois uma neta de Ruy Dias de Vibar faz pasteis e gera pastelleirinhas! Ora queira o céu que não sejaes incestuosos, que parentes pouco sabe de linhagens quem vos não descobrir em duodecimo gráo, pelo menos.

IV

Fr. Miguel dos Santos velou a noite seguinte, passeando na sua vasta residencia vicarial de Santa Maria-la-Real.

Se elle monologasse em voz alta as suas cogitações, quem lh'as ouvisse lastimaria a subita dèmençia de varão por tanta maneira virtuoso e sabio.

A's sete da manhã desceu á egreja a sacrificar, depois deteve-se até ás dez no locutorio com a neta de Carlos V sua confessada e saíu deixando a illustre freira profundamente pensativa e sobresaltada.

Quando voltou á residencia, já encontrou Cabriel de Espinosa. Sentando-se á sua mesa de almoço, tratou-o como de mano a mano com desacostumada cordialidade. Revelou-lhe segredos de estado com que sua alma, trabalhada de penas, já mal po-

dia ter-se sem desabafar. Fallou de Alcacer-el-Kibir, do seu chorado D. Sebastião, e de D. Antonio, misero exilado, que se finava de fome em França, e esmolava as camisas que vestia.

Enternecido a lagrimas, fr. Miguel obrigou a chorar o seu commensal com espanto dos dois. O pastelleiro, com quanto houvesse arcabuzado os portuguezes em Alcantara, não ouvia insensivelmente as lamentações do patriota e as desventuras do prior do Crato. A sensibilidade maviosa cedeu, porém, ao assombro, quando o frade, erguendo-se de golpe, e rubro de entusiasmo, lhe bateu no hombro, exclamando :

— Gabriel de Espinosa ! quereis ajudar-me a restituir Portugal ao seu novo rei ?

— Eu ! ? — accudiu o pastelleiro, pondo as mãos ambas na arca do peito. — Eu ! ? O senhor fr. Miguel está folgando ?

— Não ! Escutando estou ordens divinas ! — confirmou o prégador de D. Sebastião com ademanes de inspirado — Portugal terá rei portuguez, se vós quizerdes.

Quedou-se o pastelleiro pasmado no frade, largo espaço, não sabendo se o seu dever de homem de siso era desfechar uma gargalhada na cara do eremita.

N'esta incerteza o apanhou de subito este brado rouco que fr. Miguel lhe buzinou ao ouvido esquerdo:

— E' mister que D. Sebastião, rei de Portugal, não haja morrido; e D. Sebastião... sereis vós!

V

Corridas quatro horas de conversação a portas fechadas, o pasteleiro do Madrigal tinha percebido a traça urdida com o vagar de doze annos na singular fantasia do amigo de D. Antonio.

O apparecimento de D. Sebastião ideado pelo mesmo frade que, dezeseite annos lhe prégara exequias, a não accusar um mentecapto, deve de ser uma admiravel combinação, justificativa dos grandes talento e patriotismo de fr. Miguel.

Eis aqui o plano :

Dar como apparecido el-rei D. Sebastião, depois de dezeseite annos de romaria expiatoria por todo mundo, e juramento feito a Deus de nunca se descobrir e morrer desconhecido.

O pasteleiro do Madrigal appareceu na hora em que fr. Miguel procurava um D. Sebastião.

Verdade era que o defunto rei, se vivesse, deveria contar quarenta e um annos, ao passo que o pasteleiro orçava por perto de sessenta. Isto não desanimou o frade. Gabriel tingiu os cabellos, e simulou quarenta annos excruciados de amarguras. A verosimilhança era pouquissimo offendida.

O frade abriu sua candida alma ao aventureiro, promettendo-lhe não já o throno de Portugal; mas as delicias de sobejas riquezas onde as quizesse incognitamente gosar, logo que o legitimo soberano recebesse a corôa de suas mãos.

O legitimo soberano seria D. Antonio; o qual se apresentaria aos portuguezes logo que o enthusiasmo e a rebellião contra o usurpador lhe assegurassem a victoria. Chegado este momento, o pasteleiro, descoberto impostor, trocaria o sceptro pela gratificação promettida.

No intento de colorir a illusão, Gabriel, a tempo de ser acclamado, estaria já casado com uma sobrinha de Philippe II, com sua prima D. Anna d'Austria, confessada de fr. Miguel.

E o pasteleiro, empestado logo do contagio do frade, não hesitou em ser rei, tirando a partido que a ficção do reinado lhe ajuntassem a realidade do casamento com a filha de D. Carlos d'Austria. Quanto a renunciar ao sceptro de D. Manuel, mui

de vontade praticaria tamanha gentileza em obsequio a D. Antonio.

Ha de parecer essencia de absurdo isto que se vae referindo com a mão sobre a historia, sobre os processos e testemunhas irrefutaveis que o leitor consulta, se quizer, no já citado livro do senhor Miguel d'Antas.

D. Anna d'Austria, enganada pelo seu confessor, recebeu no locotorio o pasteleiro, e tratou-o de seu primo, de seu rei e de seu esposo.

Aquella menina, filha de Ignez Cid, foi recebida no mosteiro, a titulo de princeza, filha de uma grande fidalga do Porto. A conformada mãe deixou-se intitular *ama*, e soffreu de bom animo que o creado expulso de D. Brites de Montarroyo se chamasse rei de Portugal, e que o sexagenario remoçado pelas tinturas lhe fugisse do catre humilde para o thalamo da neta de Carlos V.

N'este em meio, chegaram a Madrigal uns fidalgos portuguezes, conjurados no plano do frade. Viram o pasteleiro e affectaram reconhecer o rei. Convinha arredar Gabriel de Espinosa das observações que o traziam a resguardo. Foi para Valholid, e levou o retrato da noiva, e as mais valiosas joias que a prima generosamente lhe offereceu, induzida pelo confessor.

Ora, aconteceu que o pasteleiro fez praça de sua transfiguração, dando-se a entreconhecer como alto personagem a um seu antigo companheiro de cozinha, a quem mostrou o retrato da mais hermosa muger de Hespanha, como elle fatuamente dizia da monja.

— E' digna d'um rei! — exclamava elle.

— Mas as freiras não podem casar — observou a mulher do cosinheiro confidente.

— Quando os reis querem, casam com ellas.

Gabriel, d'ahi a horas estava preso, em seguimento de uma denuncia, que apenas o arguia de ladrão de joias desconformes ao seu estado, trajo e nascimento.

VI

Instaurou-se o processo. A justiça interceptou cartas de D. Anna d'Austria para o encarcerado. Tratava o de *magestade*. Aquelle amor da freira, bem que neta do grande imperador, humildava-se deante do rei. Assim mesmo, que maviosidades amantissimas por meio das phrases respeitosas! Dir-se-hia que o amava de joelhos, e maternalmente lhe cariciava a filhinha, formosa creança em que todas as monjas decifravam altos mysterios, no dizer de fr. Miguel dos Santos.

Filippe II e os seus alcaides farejaram de prompto o enredo. O frade foi levado ao carcere, e a futura rainha de Portugal encerrada como preza nos seus aposentos.

Principiou a funcionar a tortura. Os ossos de

Gabriel e os do eremita rangiam alternadamente no estirar das cordas. O pasteleiro supportou rijamente o supplicio, pregoando a innocencia de D. Anna d'Austria, e escondendo até visinhar do patibulo o consentimento que dera em chamar-se rei. Fr. Miguel o ancião que já não tinha aço de musculos correspondente á robusta protervia do espirito, jurou e perjuro; ou affirmava as negativas de ha pouco; ora, relaxadas as cordas afflictivas, insistia em subterfugios despresiveis. Nunca se vira tanta abjecção de par com tantos perversos propositos! O sacerdote havia desgraçado e infamado para sempre a sua filha espiritual; todavia forcejava por declinar a maxima responsabilidade sobre a seduzida senhora! Ao miseravel não lhe doía que ao rosto da sua confessada cuspissem o ferrete de mãe, e mãe de uma filha de Gabriel, o pastelleiro! Nas contorções da tortura, Gabriel exclamara que sua filha nascera no Porto a 2 de outubro de 1592, e ahi mesmo fôra baptisada em nossa Senhora da Victoria.¹ Pois assim mesmo, Filippe II encommendou

¹ Pude examinar de espaço o livro de baptisados d'aquelle anno, e não encontrei o assento confirmativo da confissão de Gabriel d'Espinosa. Esta falta, porém não a denega absolutamente. Observei que no mesmo livro, contra o determinado

ferverosamente ao padre, assistente no oratorio do réo, que não se cançasse de lhe perguntar de quem a menina era filha.

Condemnado á morte na forca, Gabriel morreu corajosamente como se não deixasse nos braços de uma desvalida mulher a formosa creancinha arrancada da cella de D. Anna d'Austria. Mãe e filha, expulsas do Madrigal, logo saberemos que destino tiveram. No entanto ahí estão tres victimas do nosso frade, que por entre nós se chamou profeta, e ainda hontem uma elevada intelligencia chamou : «patriota.»

D. Anna d'Austria condemnada a perpetua reclusão no cubiculo d'outro mosteiro, e privada das honras de seu nascimento e ainda dos foros de re-

no concilio tridentino, se misturam assentos de casamento com os de nascimento e obito, e a cada passo se encontra desordem de paginação. Além de que, os parochos tinham em pouco o cumprimento do determinado no referido concilio, quando os baptisados eram filhos de pobres e forasteiros pobres tambem. Os assentos que ainda vi, são de burguezes abastados como se infere das moradas e outras circumstancias indicativas de abastança. A filha do pasteleiro e sua manceba é bem de entender que não fosse inscripta, e d'isso mesmo se suscitaram mais pungentes desconfianças de Filippe II, quanto á honra de sua sobrinha.

ligiosa, foi a mais infamemente sacrificada pelo agostiniano, sabido que o vilão tinha de plano ajoujal-a ao destino do pasteleiro. A neta de Carlos V, logo que seu marido fosse convicto de impostor, e D. Antonio proclamado rei, que faria de si a não ter o honrado mimo de se estrangular?

Ha ahi coisa para grande assombro; D. Anna d'Austria ainda viveu trinta annos.

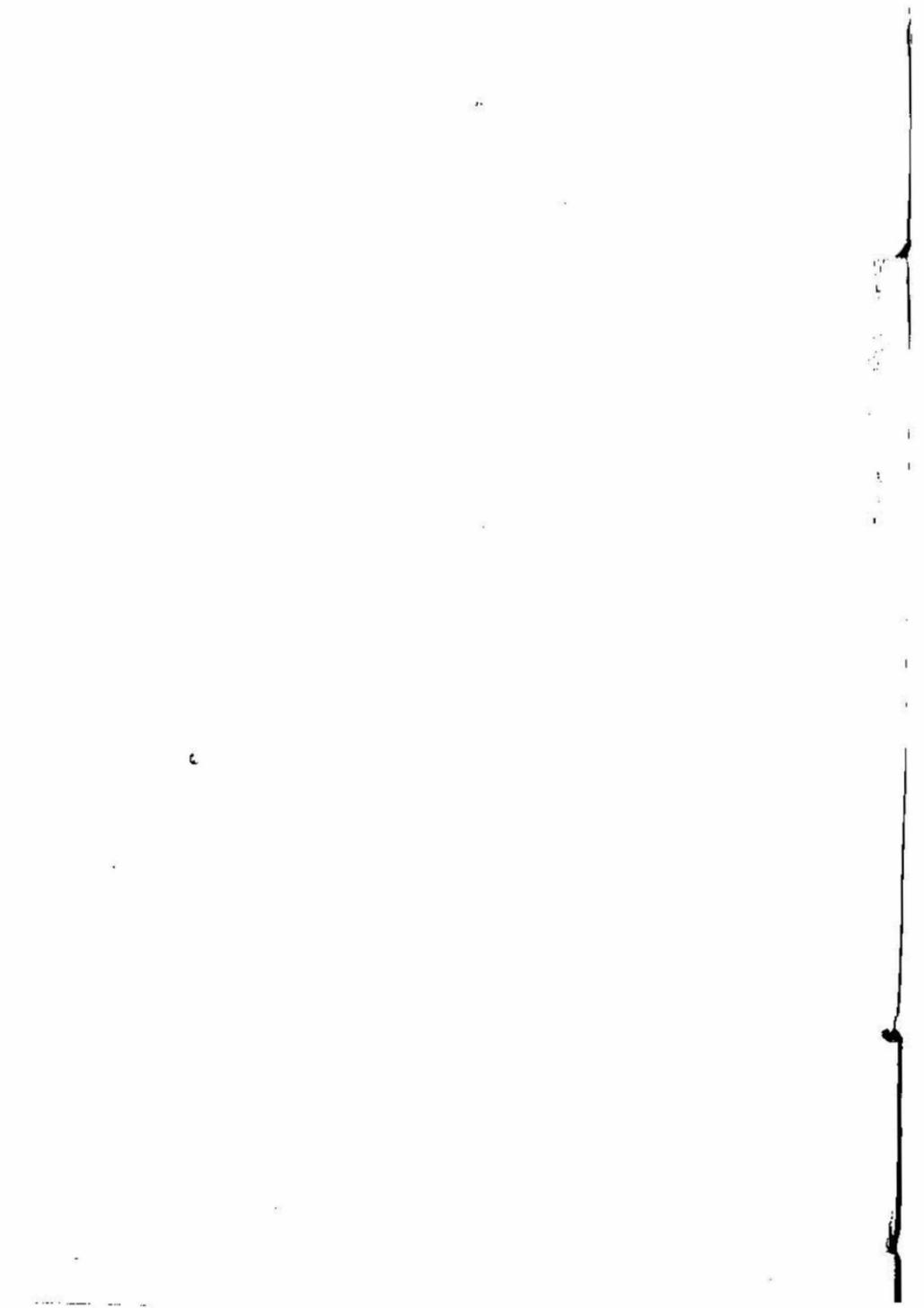
A meu juizo, o que lhe deu alma para tão longa vida foi a satisfação de saber que o director da sua consciencia, o maldito que a manietara ao tronco da ignominia, estrubuchara na forca da *Plaza mayor* de Madrid, no dia 19 de outubro de 1595.

Tal foi o prégador da rainha D. Catharina, de D. Sebastião, e o confessor de D. Antonio. Ahi o deixamos como amostra da virtude antiga nos actos da vida, e lhe estampamos o sermão d'exequias como testemunho d'um engenho que devia ser dos primeiros.

FIM

APPENDICE

ÁS VIRTUDES ANTIGAS



A FILHA DO PASTELEIRO DO MADRIGAL

Em 1815 morreu no mosteiro beneditino de Paço de Sousa um monge de setenta e oito annos, chamado fr. Felisardo da Mãe dos Homens.

Sabia-se que este frade era filho de Manuel Bento da Costa e sua mulher Marianna Mendes, naturaes do Porto, com armazem de loiça na calçada dos Clerigos. Não obstante, fr. Felisardo segredava aos seus amigos intimos que descendia da casa d'Austria. Os seus amigos intimos, ao principio, ainda tentaram averiguar a derivação do nobilissimo sangue de Carlos V atravez de cerca de trezentos annos até estancar nas veias d'um filho de Manuel Bento da Costa; o frade, porém, esquivando-se á legitima curiosidade dos amigos, respondia laconicamente :

— Quando eu morrer, lhes responderei.

— E' maluco! — murmuravam os monges.

— Foi sempre frade exemplar — acrescentava o dom abbade — mas o fraco d'aquelle bom homem é imaginar-se descente d'um irmão de Philippe II ou coisa que o valha! Não ha ninguem perfeito.

Morre fr. Felisardo.

Inventariam-lhe os papeis da sua escrivaninha, e encontram um rôlo de folha de Flandres, com uma legenda, pendente da tampa, que dizia: *Resposta aos que me perguntavam a rasão da minha descendencia da casa d'Austria.*

Imagine se a anciedade com que o dom abbade esvasiou a lata puchando um rôlo de papel almaço! Foi mister que o prelado mandasse tocar ao côro para que a fradaria, grupada em volta d'elle, o não forçasse a ler em alta voz a resposta de fr. Felisardo.

Encerrou-se o discreto abbade com mais alguns monges de maior graduação, deu uma vez de simonte aos circumstantes que trombetearam esvurmando os graves e roixos narizes, desenrolou o caderno, e leu o seguinte:

«Fr. Felisardo da Mãe dos Homens, monge de

S. Bento, responde aos seus irmãos em Christo, mórmente aos que zombaram d'elle á conta de sua linhagem. Justo era que me castigassem os assomos do orgulho com o escarneo; mas Deus me seja testemunha da innocencia, des vaidade e humilde coração com que eu a poucos amigos (menos tive d'elles do que pensava...) contei que meus avós foram soberanos.

«Sem ressaibo de jactancia offereço esta resposta. Não m'a tomem como desforço posthumo, senão como accudir eu pelos fóros da minha palavra de homem verdadeiro. Não se diga que fr. Felisardo, em cincoenta e oito annos de habito, mentiu uma vez.

«Sem duvida, sou filho de Manuel Bento da Costa e Marianna Mendes, moradores que forara desde 1728 até 1780 na calçada dos Clerigos do Porto, onde venderam loiça. Que farte se repetiu nos mosteiros onde vivi a baixa estofa do meu nascimento. Os apellidos de meus paes não soavam concertadamente em um neto de D. João d'Austria. D'aqui o riso, e bem justificado.

«Minha mãe era filha de José Mendes, procurador das freiras de Monchique. Da ascendencia de meu pae não ha para que se conte, como estranha ao meu particular intento, nem eu a sei, para lá de

meu bisavô, que morreu em Pernambuco ás mãos dos hollandezes, servindo uma baixa patente sob o commando do grande capitão João Fernandes Vieira.

«Meu avô materno José Mendes, procurador das freiras de Monchique, era filho natural do arcediogo de Barroso Pantaleão Mendes d'Abreu e de sua prima D. Eduarda Lopes d'Aragão, fidalgos ambos de solar conhecido na cidade de Lamego. Meu avô tinha fugido do collegio de jesuitas de S. Roque, onde o pae violentamente o inclausurara. Desamparado de parentes, respeito de sua rebeldia á vontade paterna, procurou sua vida com honra, agenciando os negocios das freiras, e morreu legando a sua filha, e minha mãe, Marianna Mendes, dez mil cruzados, com os quaes se dotou casando ricamente.

«Meu bisavô Pantaleão Mendes d'Abreu era filho legitimo de Pedro d'Abreu, general d'artilharia no reinado do senhor D. Pedro II, e de D. Thereza, filha do 3.^o conde de Miranda, governador do Porto.

«Meu tresavô Pedro d'Abreu era filho natural de D. Luiz de Sousa, decimo arcebispo de Lisboa, e de sua prima D. Brites d'Abreu, da casa dos senhores de Regalados.

«Meu quarto avô era D. Luiz de Sousa, filho de Diogo Lopes de Sousa, 2.^o conde de Miranda, casado que foi com D. Leonor de Mendonça, filha do 1.^o conde de Penaguião João Rodrigues de Sá.

«Meu quinto avô era filho natural de D. João de Sousa, geral de conegos regantes de Santo Agostinho, e de uma dama nobilissima da côrte de Philippe III.

D. João de Sousa, meu sexto avô, era filho do deão da Sé do Porto D. Pero de Sousa e de Clara Eugenia de Espinosa, oriunda de Castella.

«Clara Eugenia tem uma historia tão acerba quanto escurecida e deslembrada: graças ao disvelo com que se abafaram ha dois seculos as indagações, que redundavam em infamia de testas coroadas.

«E' a seguinte historia, que podeis ver, meus amigos, contada ao gosto antigo no caderno das provas junto d'este, consoante a relatou a seus descendentes meu sexto avô D. João de Sousa.

«Em 1596 appareceu no Porto uma hespanhola, de nome Ignez, que, alguns annos antes, servira em uma estalagem da Ponte-nova, e de lá se mudara para a companhia d'um castelhano aventureiro e mysterioso chamado Gabriel de Espinosa. O

qual, passando a Hespanha, a levou comsigo, e a lá deixou com uma menina chamada Eugenia Clara, quando padeceu morte de forza por se inculcar D. Sebastião, rei de Portugal.

«Ignez viera mendigando com a menina nos braços até ao Porto, onde se soccorreu dos seus antigos amos, dizendo sempre que a menina era filha de Gabriel e sua. Raro mez corria sem que a mulher fosse instada a redizer cuja filha era Eugenia Clara.

«N'esse tempo demorava paredes meias com a estalagem da Ponte-nova o conego D. João de Sousa, do nobre sangue dos senhores do Calhariz, e este tra um dos que, instigados pelo successor de Filippe II, a cada passo chamava Ignez para lhe relatar miudezas de Gabriel, e dos seus amores com D. Anna d'Austria, neta do imperador Carlos V. Ao que a timorata Ignez respondia sempre que pouco ou nada sabia de taes amores; tendo sómente a certeza de que a menina era sua filha, e não da real monja de Santa Maria.

«Eugenia Clara crescia formosa em grande extremo, accusando bellezas de espirito trasordinarias em sua baixa condição. O conego Sousa affei-

çoou-se-lhe paternalmente, e por modo que deu casa e recursos a Ignez Cid para que vivesse regalada com sua filha.

«No anno de 1610 adoeceu mortalmente a concubina de Gabriel de Espinosa, e, poucas horas antes de render a alma ao seu Creador, chamou o deão Pero de Sousa, seu grande bemfeitor, e de baixo de juramento aos santos evangelhos lhe confessou que mentira sempre, quando affirmava ser Eugenia sua filha, receosa de que lhe matassem a menina innocente dos crimes de seu pae e do maldito frade Miguel dos Santos; mas que, ao sentir desatar-se-lhe a alma, ia dizer inteira verdade a uma pessoa que tanto bem lhes fizera, e a cargo de quem ficava a sua infeliz menina e senhora. Revelou, pois, que D. Eugenia era filha de Gabriel e de D. Anna d'Austria, sobrinha de Philippe II, rei de Castella e Portugal. Disse mais, que o pasteleiro do Madrigal era fidalgo dos maiores de Hespanha, oriundo de Toledo; mas nunca dissera os seus apelidos, por que, desde muito moço, fugira de casa depois de ter matado um irmão na cega ira d'uma disputa por causa de amores. Contou, instada pelo deão, que o pae de Clara, mediante o consento de certas fidalgas do mosteiro de Santa Maria, passara tres dias na cela de D. Anna, e que a menina,

apenas nascera, lhe fôra a ella confiada, com a obrigação de dizer que a houvera de sua mancebia com Gabriel, quando viviam no Porto. Repetiu o juramento nas mãos do prebendado, e expirou.

«Era já senhora a filha de Gabriel, e quasi mãe, segundo intendo do nascimento de meu sexto avô D. João de Sousa, que nasceu no mesmo anno de 1610.

«O deão guardou o segredo por tanta maneira que nem propriamente o quebrantou, desvelando-o á mãe de seu filho. O que infiro de seu mesmo caderno, é que elle desde aquella declaração lhe quiz com tamanho amor que não houve ahi mais amada mulher. Por modo que, renunciando em um sobrinho a dignidade da Sé portuense, se foi com ella a Roma, escoltado de grandes riquezas, e por lá se quedou longos annos solicitando dispensa de ordens para poder casar com Clara Eugenia — o quê não vingou, pesar dos cardeaes que o lograram a ponto de o esbulharem quasi dos ultimos cruzados.

«E, tornando á patria no de 1621, trazia vestido o burel de frade franciscano, por que deixara em Roma a sua alegria, a peregrina Clara Eugenia, morta antes dos trinta «com tanta formosura que (diz elle) lh'a requestaram os anjos, ou Deus lh'a

quiz para, mediante seus rogos d'ella, salvar sua alma.»

«Sem impedimento de vida penitentissima, fr. Pero de Jesus Christo, que assim se chamou no pobre claustro de S. Francisco do Porto, cuidou na educação do seu filho, e o fez professar entre os cruzios de Grijó, o qual, com o rodar dos annos, chegou a geral e regeitou as mais rendosas mithras do reino.

«Aqui tendes, senhores meus, como a loiceira da calçada dos Clerigos, Marianna Mendes, era decima neta do imperador Carlos V. Agora vereis que não tivestes muitissima rasão para zombar de mim, nem o podereis fazer dos documentos que vos offereço no caderno appenso, onde vereis certidões indubitaveis tão dignas de fé como a narração de meu ascendente Pero de Sousa.

«Rézae-me um *pater* por alma d'elle e pela minha e pela de todos os que vos não desmereceram essa boa acção de caridade.

«Entre vós vivi como frade humilde. Bem sabeis que nunca me levantei tanto como uma linha sobre os mais baixos que vestiram o meu habito. Servi-vos nas enfermidades como servo, e não me ufano d'isso, por que obedeci á regra do nosso patriar-

cha. Cedi, é verdade, á fragilidade humana de vos dizer que vinha de tronco mui illustre; só me esqueceu de vos dizer que a vergontea d'onde procedo foi regada com copia de lagrimas e sangue.

«Agora vos peço que entregueis estes papeis a um sobrinho meu, que ainda vive em Lisboa, e se chama o desembargador Paulo Mendes da Costa. Dizei-lhe de minha parte que, a querer imitar os seus antepassados, lide quanto possa no sentido de que suas filhas imitem na honra sua bisavó Mariana Mendes, loiceira que foi na calçada dos Clerigos, a qual de certo valia mais que D. Anna d'Austria.

«Deus vos guarde. Até ao dia da ressurreição.»

Até aqui o frade.

O leitor de certo desvalia a canceira que me deu isto de saber onde pára n'este anno de 1868 o duodecimo segundo neto do imperador Carlos V.

Considerae, almas piedosas!

Primeiro passo: procurei o Almanak de 1815 para descobrir a residencia do desembargador Paulo Mendes da Costa, n'aquelle anno. Primeiro em-

pêço: em 1815 não saiu a lume o Almanak. Encontrei o de 1817, e ahí a noticia de ter morrido n'aquelle anno o sobrinho de fr. Felisardo. Estava, por tanto, na eternidade com seus illustres avós o decimo neto de D. Anna d'Austria e do pasteleiro do Madrigal.

Mas a descendencia do desembargador? Onde estavam as filhas de Paulo Mendes, alludidas na «Resposta» do monge?

Nem restea de luz! Procurem lá em Lisboa as filhas d'um desembargador fallecido em 1817!

Só a casualidade costuma dar o fio conductor n'estes labyrinthos.

Ha cinco mezes que, no Porto, me deram noticia de existir ainda um magistrado octogenario que servira no desembargo do paço em tempo de D. João VI.

Procurei-o nos arrabaldes d'aquella cidade, e encontrei no pateo um escudeiro velho a quem pedi o favor de obter licença do senhor doutor Rego, para lhe fazer uma pergunta.

— O senhor doutor Rego morreu ha tres mezes — respondeu o velho. — Queria-lhe alguma coisa?

— De certo queria...

— Se fôr coisa que possa fallar á senhora...

— Quantos annos tem a senhora?

— Eu sei lá! E' mais velha que a Sé! mas ainda conversa e trata de negocios. O senhor que lhe quer?

— Sabe-me dizer se ella vivia em Lisboa, quando o marido era ministro?

— Pois ella viveu sempre com o marido. Eu tenho sessenta e dois annos; estou n'esta casa ha cincoenta, e sei que ella, quando eu fui para lá, já tinha mais de quarenta.

— Ha cincoenta annos, disse vocemecê?

— Sim, ha cincoenta annos que eu fui para casa do desembargador para seu amanuense; depois fui ficando na casa, vim com elle para aqui em 1834, e por cá me deixei ficar.

— De certo me não póde dar umas informações que eu preciso... Veja se a senhora está de pachorra para receber a visita de um desconhecido.

Foi o velho e voltou dizendo que a senhora D. Maria de Nazareth estava muito apoquentada com a gota; mas que lhe mandasse dizer o que queria.

— E' por causa d'um novo imposto? — perguntou o escudeiro. — Isso é lá com o capellão.

— Não, senhor: eu vinha pedir a sua excellencia informações d'uma familia que talvez ella conhecesse em Lisboa.

— Que familia era?

— Eu escrevo-lhe n'este papel o nome.

E escrevi a lapis n'uma lauda da minha carteira:

Se sua excellencia se recorda de ter conhecido em Lisboa o desembargador Paulo da Costa Mendes fallecido em 1817, ou alguem de sua familia.

— Então faz-me o obsequio de mostrar este papelinho á senhora ?

— Lá vou.

O velho, a meio da escada, parou a reparar muito attento no papel, e retrocedeu.

— Eu não tenho cá os meus oculos ; mas parece-me que o senhor escreveu aqui *Mendes...*

— Sim, senhor, escrevi *Paulo da Costa Mendes...*

— Mas... — voltou com espanto o antigo amanuense — que quer o senhor saber d'este sujeito ?!

— Vossemecê conheceu-o ?

— Conheci.

— Então póde informar-me se existe alguem da familia d'elle ?

— Posso : existo eu.

— O senhor ?!

— Sim ; eu, que sou filho do desembargador Paulo da Costa Mendes que morreu ha cincoenta e tantos annos.

— Pois o senhor é filho de... — tornei eu en-

leado a ponto de ver em mim um sujeito com especial predestinação para descobrimentos singulares.

— O senhor é filho do desembargador Paulo...

— Sou... — accudiu elle — Lá lhe parece que estou muito em baixo!... continuou sorrindo resignadamente o neto de D. Anna d'Austria — Meu amigo... voltas que dá o mundo!... Ha muitos casos como este... Uns sobem e outros descem.

— Ora diga-me, — tornei eu para desfazer pertinazes duvidas — o senhor teve noticias d'um seu tio frade...

— De Paço de Sousa?

— Sim...

— Chamava-se fr. Felisardo. Era tio de meu pae e morreu primeiro que elle dois annos.

— Isso mesmo.

— Então que mais quer saber?

— Tenho o maior interesse em saber tudo o que o senhor bondosamente me quizesse contar a respeito de sua familia... O senhor foi filho unico do senhor dosembargador?

— Nada; tive um irmão mais velho e cinco irmãs.

— Ainda vivem?

— Morreu tudo... Se quer entrar aqui para este escriptorio — conversaremos um pouco.

E entrou n'um quarto cuja porta abria para o pa-

teo. Segui-o a impar de jubilo por me ver a ponto de satisfazer a curiosidade do leitor, e prestar aos genealogicos um serviço não pequeno, ao mesmo passo que vou encher uma lacuna da historia.

— Queira sentar-se — disse elle. — Meu pae, Deus lhe perdôe, foi um extravagante de por ahi além. Herdou cento e oitenta mil cruzados de meu avô que era negociante de loiça no Porto. . .

— Esse negociante vinha a ser irmão de fr. Felisardo. . . — atalhei eu.

— E' como diz. Cento e oitenta mil cruzados lhe deixou em quintas, casas e dinheiro. Pois, senhor, meu pae, quando morreu, tinha pouco mais de mil cruzados; o resto gastou-o em festas reaes, bailes, jantares, mulheres, etc., etc., etc. Meu irmão, chamado Guilherme, rapaz muito perdulario, assim que o pae fechou os olhos, apanhou o dinheiro todo que achou e fugiu de Lisboa. Cinco irmãs que tinhamos ficariam a mendigar, se não fossem todas freiras. Eu, que era rapazito ainda, estive quatro annos no collegio dos nobres, protegido por um parente de minha mãe: mas, por desgraça, morreu esse tio, e os herdeiros não quizeram saber de mim. De modo que me vi sem amparo de alguém, e em circumstancias de pedir, quando por accaso encontrei o de-
desembargador Rego, que era muito amigo de meu

pae, e lhe contei a minha desgraça. Levou-me elle para sua casa e fez-me seu amanuense. Este modo de vida era bem ordinario: mas peor seria não ter nenhum. O desembargador, se quizesse, podia ter melhorado a minha sorte em quanto foi ministro e valeu muito em Lisboa. Não, senhor. Eu servia-lhe assim, e assim estava quando o senhor Rego, em 1834, deixou o emprego, e veio para esta quinta esperar que viesse o senhor D. Miguel I. Vim tambem, por que já não servia para nada. Como não tinha que fazer no escriptorio, passei para mordomo, escudeiro, feitor, *etc.*, *etc.*, *etc.* Aqui tem o senhor o que lhe posso dizer da familia de Paulo da Costa Mendes. Agora pergunto eu que interesse tem a sua pessoa em saber isto?

— Uma pergunta: o senhor recorda-se de ter ouvido dizer que os seus antepassados eram fidalgos dos maiores de Portugal e Castella? — perguntei.

O filho de Paulo da Costa despediu uma gargalhada e exclamou:

— Ouvi, ouvi! Só isso me faria rir agora, por que me lembrou meu irmão Guilherme, aquelle doído, que se assignava D. Guilherme d'Austria, quando em Portugal não tinha vintem!

Ri-me tambem do tom sarcastico do mordomo.

E elle continuou:

— O motivo de meu irmão se chamar assim, foi vir ás mãos de meu pae uns papeis que o tio frade bento lhe mandou entregar por sua morte. Pelos monos, o rapaz, quando já não tinha dinheiro, deu-lhe para ler os papeis, e descobriu lá que era descendente de Carlos V, imperador de Marrocos...

— De Marrocos não... — atalhei abafado de riso.

— Ou lá do inferno! o certo é que D. Guilherme andava a mostrar os papeis por casa de certos fidalgos que se riam d'elle, e lhe davam algum pinto de esmola. A final, meu irmão, aquí ha quinze annos, começou a malucar. Acho que foi a pobreza que o attentou, e ainda por cima a chacota que lhe faziam os fidalgos e os gaiatos. A garotada do Rocio já lhe chamava de longe D. Guilherme d'Áustria, e elle despedia a fugir até se esconder n'algum becco. Pobre homem! quantas vezes elle me foi pedir seis vintens para jantar! Dizia-lhe eu que não andasse a contar que era neto de Carlos V; e elle batia o pé no chão e teimava que era tão fidalgo ou mais que o rei de Portugal... Depois mostrava-me os papeis que vieram de Paço de Sousa; lia-me certidões de baptismo, attestados, justificações de nobreza, alvarás de perfilhamentos, emfim, umas arvores de linhagem que não valiam dois kilos da

linhagem que se vende na rua das Hortas do Porto. Em fim, o homem perdeu de todo a cabeça, e foi levado ao hospital de S. José, onde viveu pouco tempo. Grande favor lhe fez Deus em o levar!...

— Que fim teriam os papeis que seu tio frade enviou a seu pae? — interrompi eu.

— Tenho-os eu; mas olhe que os não guardo lá por que digam que a minha raça é de tronco real — respondeu sorrindo agudamente o mordomo. — Da gente de que resa a arvore, só me lembra que minha avó era Marianna Mendes que vendia loiça no Porto.

— Mas dá-me licença que eu veja esses papeis? Cópia d'elles tenho eu já, desejava, porém, certificar-me da fidelidade do traslado.

— Quando o senhor quizer.

— E suas irmãs morreram... já me disse...

— Todas morreram nos seus conventos.

— E o senhor não casou, nem tem filhos?

— Não, senhor. Nem casei, nem tenho filhos, graças a Deus.

— Por conseguinte, é o senhor... como se chama?

— Bernardo da Costa Mendes.

— E' o senhor Bernardo da Costa Mendes, o decimo primeiro neto de Gabriel de Espinosa e D. Anna d'Austria.

— O quê?... — atalhou o velho entre serio e galhofeiro. — O senhor veio aqui mangar comigo?!

— Não vim infelizmente melhorar a sua situação; mas tambem não vim zombar d'um homem de cabellos brancos, duplamente honrados pela conformidade com que o senhor tem atravessado uma longa vida de penas. Creio que os documentos deixados por seu tio frade são verdadeiros, e que o senhor Bernardo Mendes está aparentado com as mais estremadas familias da fidalguia portugueza.

— Ora adeus, adeus! — atalhou o velho sacudindo a cabeça. — Se o senhor me viesse dizer que morreu um carnicheiro e me deixou uma duzia de libras a titulo de eu ser seu irmão ou primo, isso é que era uma peitoral noticia! Que me importam cá a mim os fidalgos? Meu irmão mostrou aos de Lisboa os seus documentos, e o mais que obteve foi alguma esmola de 480 réis e uma gargalhada. De que serve ser descendente de Carlos V ou do diabo? faz favor de me dizer?

— Desgraçadamente não posso responder de modo que o senhor Bernardo da Costa se console de procedencia tão illustre; todavia, os seus pergaminhos não os trocaria muita gente pelo testamento do carnicheiro.

— Não?! Cuidei que estas historias de fidalguia

tinham baixado ao ultimo desprezo, vendo as pessoas a quem os reis as dão...

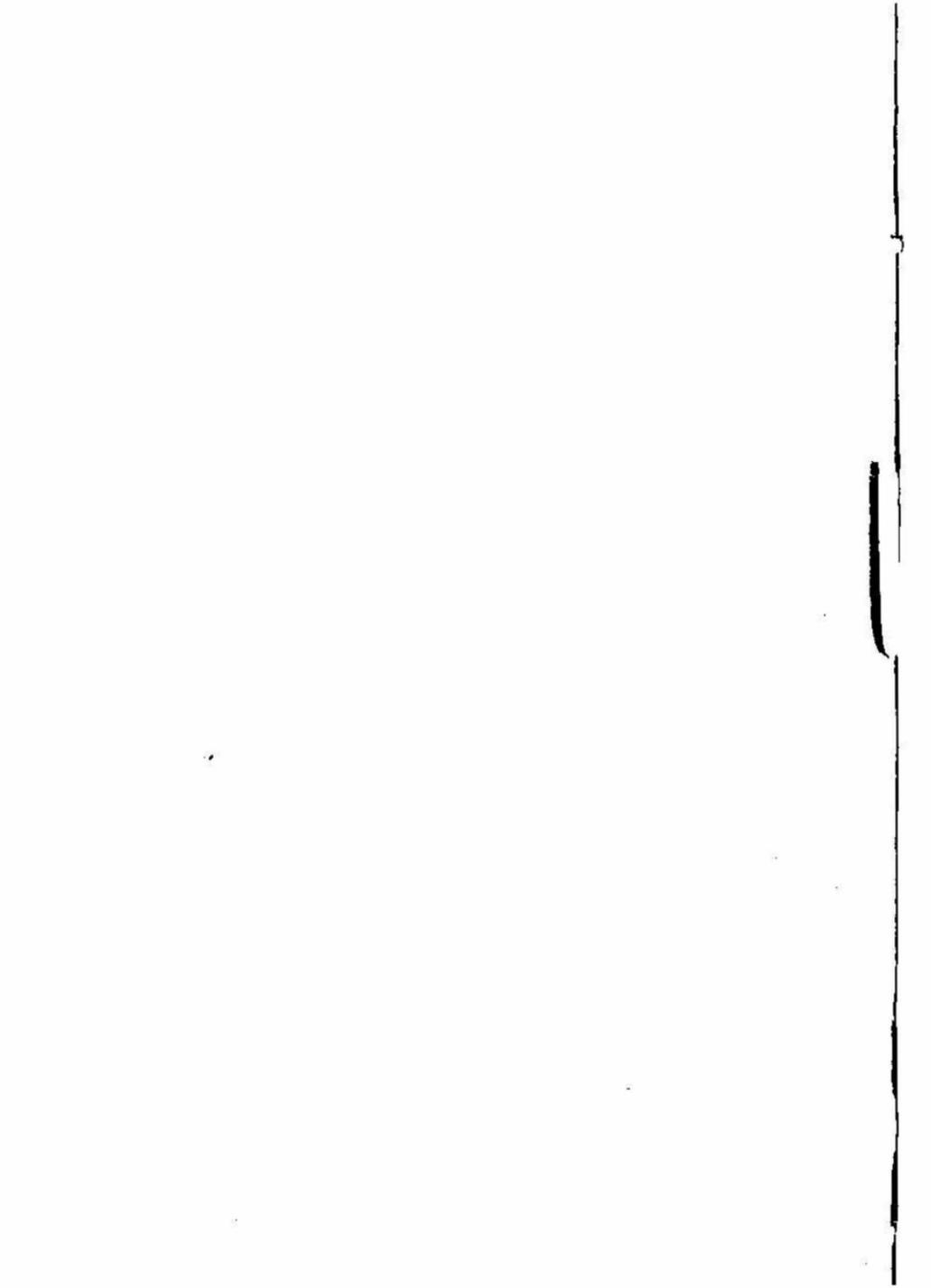
— Está enganado. O que os reis concedem não é o que o senhor Bernardo da Costa possui. Os fidalgos, nobilitados hoje, são os predestinados avós de futuros sapateiros; ao passo que o senhor é descendente dos reis que davam a nobreza a seus creados...

— E eu sou o creado da viuva do desembargador Rego — continuou o ultimo representante de D. Clara Eugenia, filha, ao que parece, de D. Anna d'Austria. — Tudo isso será verdade; mas sempre lhe recomendo — concluiu elle — que se não descuide de sondar o nobre coração d'algum magarefe abastado que queira ser tambem comigo descendente de Carlos V. Eu dou-lhe a nobreza do sangue que me gira nas veias, e elle dá-me o resultado do sangue que girava nas veias dos bois.

FIM

UM POETA PORTUGUEZ... BICO!

ROMANCE



UM POETA PORTUGUEZ... RICO!

I

POETA

Conheci, ha vinte annos, um moço provinciano, que descera pobre e sósinho das suas montanhas, com a esperança de as subir rico e acompanhado de lustrosa parentella. Leopoldo Ferraz era então aprendiz de commerciante no Porto, cidade invicta, cuja padroeira, nossa Senhora, protege e bafeja a prosperidade de quantos a invocam e buscam no trilho da probidade. Exceptuam-se, porém, entre os que a buscam, uns infelizes que, apenas andados alguns passos, se sentam á beira do caminho e começam a conversar com arvores, com estrel-

las, com coisas que lhes avoejam lá por cima e só elles descortinam por entre nuvens. Estes exceptuados são os poetas, e Leopoldo Ferraz era poeta.

N'aquelle tempo escreveu elle uns versos, assignou-os indiscretamente e pediu aos redactores da *Lyra da mocidade* que lh'os publicassem. O poema era uma bem concertada ode que elle denominou *Saudade*. O louvavel e commovente assumpto resumbrava lembranças affectuosas da sua aldeia, maviosas saudades de sua mãe já morta, de suas irmãs pobrinhas e de seu pae que promettia cahir breve e levar comsigo o esteio das desvalidas filhas.

Um visinho do patrão, que vira aquelle nome no periodico, duvidou que o caixeirote andasse em lettra redonda, e para certificar-se entrou na loja e perguntou-lhe em presença do amo:

— Você é poeta?

— Se sou poeta!... — balbuciou Leopoldo.

— Sim... está aqui o seu nome debaixo d'isto...

E' você que fez esta versalhada?

— Fui.

— Quem?! — interveio o patrão franzindo o sob'olho.

— Eu, senhor Joaquim — disse placidamente Leopoldo.

— Então já escreves em gazetas?! Estás prompto!... Has de dar um bom burro ao dizimo... Não tem duvida... Por isso é preciso ir chamar-te á cama ás seis horas da manhã... Acho que de noite, em vez de dormir, estás a fazer sonetos...

— Não tenho faltado ás minhas obrigações...
— observou o caixeiro entre grave e submisso.

— Pois sim, sim — redarguiu o mercador — eu cá patavinas em casa não nos quero... Gazeteiro ou caixeiro. E' escolher. E a quem não servir, rua.

O collaborador da *Lyra* emmudeceu, e os numeros seguintes do periodico não trouxeram mais poesia alguma assignada, posto que Leopoldo teimasse a poetar com um pseudonimo.

Volvidos alguns mezes, o logista apanhou o caixeiro em flagrante delicto. Estava elle escrevendo a setima estrophe d'um *Desespêro*. Agadanhou-lhe o papel, viu que era verso a coisa, amachucou-a n'uma bola e atirou-lh'a á cara, bramando:

— Já te disse que em minha casa medem-se covados de fazenda e não se fazem versos. Procura a tua vida, que me não serves, Leopoldo.

O moço levantou do chão o *Desespêro* amarrotado, atirou-o para a caixa de pinho da terra, e assim que luziu a manhã, esperou que o patrão lhe pa-

gasse um resto do seu ordenado; que o mais d'elle tinha ido em chita para os vêtidos de suas irmãs.

Saiu com dez mil e duzentos na algibeira, e foi pedir trabalho a uma imprensa onde já era conhecido.

Aceitaram-no como localista e revisor com a gratificação de tres tostões diarios, seccos de tudo.

O rapaz era ignorante. Se fazia lindos versos, aquillo eram flores formosas do monte sem cultura. A si se bastava o coração, a saudade e a melancolia. O roixinol não estuda; nem as perolas, ao sair da concha, ainda viram sol.

O que elle não podia escrever, sem estudo e pratica, era o louvor ou a satyra d'uma actriz, as pompas d'um baile, a analyse d'uma partitura, a *toilette* d'uma filha do assignante, e outras especies que requerem sabenças não vulgares.

Caíu no desagrado das damas o noticiarista. Não valia realmente os tres tostões diarios! Verdade é que elle dava um folhetim poetico todas as segundas-feiras; mas os assignantes, n'aquelle dia, liam o artigo de fundo e os annuncios por entenderem que o restante eram bunnrundangas, frandulagens e salgalhada.

Até que o redactor-proprietario me encarregou

de dizer ao poeta que a sua collaboração estava damnificando a empreza.

Repliquei ingenuamente que as poesias de Leopoldo eram admiraveis. O empresario redarguiu veridica e triumphantemente que os assignantes as não entendiam, e o ameaçavam de se passarem ao *Periodico dos Pobres*, onde as poesias do *Barbeiro* faziam escangalhar o publico de riso. — Veja você — acrescentou o redactor — se elle quer escrever no gosto do *Barbeiro*, que eu lhe dou mais um tostão por dia; senão...

— E saberá elle escrever assim? — perguntei. — Diz lá o Ponsard que *le mauvais ne le fait pas qui veut*.

— Não me importa o que diz o Ponsard, bem que tenha muita rasão; mas você sabe que nós estamos á mercê d'um publico... (e acrescentou baixinho) d'um publico muito estúpido.

— Sei isso.

— Então que quer? Será proveitoso dizer-lhe: «senhores assignantes, as poesias do senhor Leopoldo Ferraz são optimas; vocemecês é que são uns alarves. Se as não percebem, despeçam-se do jornal, e vão cavar pés de... seus paes.» Que diz a isto?

— Vou saber se elle quer escrever cartas como as do *Barbeiro*.

— Pois vá, e anime-o a entrar n'essa carreira. Chalaça, chalaça é que nós queremos.

Fui. Leopoldo disse-me, desde que lhe apontei a proposta, que não tinha chiste nenhum a escrever, nem conhecia os personagens á custa de quem o engraçadissimo José de Sousa Bandeira fazia impar de riso as severas e pandas barrigas dos burguezes. Pedi-lhe que ensaiasse uma satyra aos vicios e «ridiculos» discorrendo por elles vagamente sem personalisar. Aconselhei-lhe a leitura de N. Tolentino, de Bocage, de Francisco Manuel do Nascimento.

— Pois sim — conveio o pobre rapaz — eu verei. A'manhã lhe mostrarei o que esta noite fizer.

Ao outro dia, appareceu-me Leopoldo com o rosto abatido e as côres quebradas.

— Não fiz nada... — disse elle. — Singular desventura! quando ageitava o verso para exprimir alguma idéa alegre, via minhas irmãs e meu pae; elle entrevado, e ellas a fiarem linhas para embarque, serviço de que não tiram sequer pão que as farte. Como quer você que eu escreva satyras risornhas contra os vicios? Mande-me chorar, que é o que eu posso fazer... Em summa, diga ao senhor

fulano que eu me dou por demittido do seu jornal.

— E que vae fazer?

— Não sei. Provavelmente farei... versos.

— Que lhe não valem o pão de amanhã.

— Tanto monta! As lagrimas entreteem a fome.

— Não me seja tão poeta, senhor Leopoldo! — insisti com profunda magua. — Pensemos no que ha de occupal-o.

— Pois sim... pensemos — disse elle, sorrindo.

— Se o admittissem n'um collegio a ensinar instrucção primaria...

— E estaria eu no ponto de a ensinar?! Não sei mais do que isto que vê, meu amigo. Tenho boa fórma de lettra, leio correntemente; mas ignoro até as mais triviaes regras da grammatica. Se não escrevo erros grosseiros, é isso um milagre... que faz a precisão.

Pareceram-me bem atinadas as reflexões.

Pedi lhe que se tornasse á vida commercial.

— E quem me quer? — objectou elle avisadamente. — Ha ahi patrão que confie o seu mostrador d'um *patavina* que sahio do escriptorio d'uma gazeta? Você não sabe que os caixeiros me escarnecem quando eu passo? Em fim, não se inquiete com a minha sorte. Entrego-me á Providencia. Se

me ella desamparar, buscarei o amparo certo d'alguns palmos de terra...

—Principia o senhor a ser covarde... — atalhei eu.

— Ainda não. Se eu me suicidar, creia que primeiro hei de dar provas de extraordinaria coragem.

Procurei-o no seguinte dia, e encontrei-o a estudar nos livros rudimentares por onde são examinados os professores de instrucção primaria. Disse-me bem assombrado que se estava preparando para requerer uma cadeira de mestre-escola no Minho.

— São noventa mil réis... — observei-lhe com ar de lastima.

— Hão de chegar-me. Noventa mil réis, e algumas horas de liberdade para a alma, é um ordenado superabundante.

E, com effeito, requereu, e concorreu á cadeira. Fez satisfatorio exame, foi provido, e levou uma de suas irmãs comsigo para um concelho convisinho dos Arcos de Val de Vez.

Nos dois primeiros annos ainda me escreveu algumas vezes. Mostrava-se contente. Algumas poesias me enviou já diversamente afinadas. Cantava

os enlevos do amor. Era já esperança e não saudade o encanto d'ellas. Transluzia-se d'aquelle enthusiasmo lyrico a paixão e o pendor irresistivel a um poema matrimonial com uma creatura que lá se chamava anagrammaticamente *Zelia*.

Perguntei-lhe em prosa se ia casar-se. Respondeu que sim.

Ousei descer até o interrogar sobre os haveres da noiva. Informou-me que a sua Eliza era tão pobre como elle, e mais rica dos thesouros do céu do que elle a merecia.

Repliquei que os thesouros do céu, nos negocios d'esta vida, regulavam em importancia pelo dote que elle levava á sua Elisa.

Não me respondeu. Honrado e brioso procedimento; que a minha sandice era despresivel,

Isto passou em 1850.

Nunca mais o vi até hontem 16 de agosto de 1868.

II

Rico

Estava eu na varanda da hospedaria dos *Dois amigos*, em Braga, quando vi rodar uma cáleche tirada por dois anafados machos, que me faziam saudades das carroças da minha infancia.

Parou debaixo da janella o trem ornamentado de dois lacaios bem trajados, mas sem divisas nem galões indicativos do fidalgo que serviam.

Aparearam um homem e tres senhoras que entraram ao pateo da hospedaria.

Perguntei ao creado da casa quem tinha chegado.

— E' um brasileiro lá das bandas de Caminha, que se chama o senhor Ferraz.

Tinham-se-me ido os olhos na lusidia parelha dos machos. Que o dono se chamasse Ferraz e fosse brasileiro das bandas de Caminha, não me importou.

Pouco depois desci ao pateo com o intento de examinar os possantes quadrupedes, e vi o brasileiro que dava ordens ao sota cocheiro.

Ao voltar-se de rosto para mim, fitou-me muito na face e perguntou-me se eu era um fulano de tal.

— Sim, senhor, um seu creado.

— Um meu amigo antigo — emendou elle.

— Não me recordo...

— Ha de recordar-se... Dê-me licença que entremos no seu quarto ou no meu.

O timbre da voz já me ia entre-abrindo reminiscencias, do que quer que fosse muito remoto na minha vida; mas nada claro e definido se me dilucidava.

Entrámos no quarto.

O brasileiro apertou-me estremecidamente ambas as mãos e disse :

— Eu sou aquelle Leopoldo Ferraz, ex-caixeiro e ex-noticiarista...

— O senhor! — atalhei eu com vehemente impeto — é Leopoldo Ferraz... que eu conheci ha vinte annos no Porto?

— Sou.

— Tão mudado!... O senhor era magro, tinha uma estatura mediana...

— Engrossei e cresci — explicou elle, sorrindo—
Dá-me licença que eu vá dizer a minha mulher e a minhas irmãs que me demoro aqui meia hora com um meu antigo collega? Não se agaste com esta ambiciosa camaradagem de que eu me orgulho...

— Nada; eu antes queria que o senhor, visto que é brasileiro, me chamasse collega, em respeito ao Brazil, e não ao periodico.

Sorriu-se, foi e voltou.

No emtanto, me estive eu a revocar memorias de de 1848 e 1849, a lembrar-me do esgrouviado localista do *Nacional* que não tinha traço de parencças com aquella sadia corporatura puchrada por dois agigantados machos e servida por dois lacaios.

— Pois este é, na verdade o mestre-escola! me perguntava eu, quando elle entrou.

— Recorda-se — perguntou o poeta da *Lyra* — d'umas cartas que lhe escrevi em 1850?

— Apenas me lembro de uma em que o senhor me noticiava o seu casamento. Depois d'essa, não recebi mais alguma que me lembre.

— Não lhe escrevi mais. Em 1854 procurei-o no

Porto para lhe pedir um favor ; mas você estava em Lisboa. Depois os annos decorreram, e a distancia separou-nos como duas pessoas que se encontraram na encruzilhada de dois caminhos oppositos. Não ha nada espantoso nem se quer notavel n'este esquecimento. Se nos aqui não encontrássemos, seríamos como duas pessoas que nunca se viram. Não o accuso de ingrato, porque você me não deve algum beneficio ; e tambem me não confesso ingrato, por que assim é o mundo, e ninguem se póde isemtpar de ser como são todos... Quer saber a minha vida, não é assim ?

— Desejo muito... Foi para o Brazil ?

— Não, senhor. Eu nunca fui ao Brazil.

— Não ? Disse-me o creado da hospedaria que o senhor era brasileiro.

— O meu dinheiro é que veio do Brazil... Eu lhe conto. Casei, como sabe com uma rapariga muito pobre. Vivía ella com seu irmão que tinha tenda de vinho e bacalhao, uma merciaria-taverna que, se fallisse, nunca poderia exceder um activo de setecentos e vinte réis. Eu dava escola, minha mulher governava a casa, e meu cunhado em semanas de bom commercio apurava os seus seis tostões na merciaria, dos quaes auferia um lucro regular de oitenta réis por dia. Os meus treze vintens diarios de

professor abasteciam a nossa meza. Habituei-me a trajar por egual com os meus discipulos e a comer as couves e as batatas saborosas que a minha mulher guísava deliciosamente.

Vivia contente, quando meu cunhado, frequentador de feiras, entrou n'uma desordem de que resultou matar elle um visinho ás pauladas. Pôde escapular-se e esconder-se. Avisou-me da sua paragem. Fui vê-lo, e pedi-lhe que fugisse para outra provincia, visto que a justiça lhe andava no rasto. Disse-me elle que lhe arranjasse eu modo de embarcar para o Brazil, alcançando-lhe um passaporte para pagar a passagem.

Quanto a meios, não se me figurou invencivel a difficuldade. Certo lavrador, pae de um meu discipulo, tinha-me offerecido emprestimos que eu nunca acceitara. Pedi-lhe oito moedas, e emprestou-m'as. O peor de obter seria o passaporte. Fui ao Porto. Procurei-o a você para me auxiliar ; e, como o não encontrasse, vali-me de um empregado do governo civil que, mediante quatro moedas, me obteve um passaporte. Voltei á minha aldeia a levantar novo emprestimo. Saí de noite com meu cunhado, e por cortar demoras, tive a ventura de o ver sair barra fóra.

Durante dois annos, soffri e soffreu minha mulher

extraordinarias privações. O empenho de doze moedas transtornou a boa regularidade do nosso passado. Além d'isto ganhei muitos inimigos quando se soube que meu cunhado se escapara, mediante as diligencias que eu empregara no Porto. As autoridades do meu concelho quizeram suspender-me e intentaram processar-me como falsificador de passaportes.

Fez o tempo o seu salutar officio. Os odios resfriaram: e eu, já pagas as dividas, me fui remediando com menos apuros.

Meu cunhado, chegado ao rio de Janeiro, procurou um primo de sua mãe, que lhe diziam ser muito rico. Encontrou um velho que o recebeu agradavelmente e o mandou para a roça feitorisar umas fazendas. Por lá se deteve tres annos, no termo dos quaes me remetteu as doze moedas, que eu tinha dispendido, e mais doze para sua irmã, com promessas de nos desapertar das angustias da pobreza.

No seguinte anno enviou-nos de pancada um conto de réis, avisando-nos de que seu tio era morto e lhe deixara todos seus haveres, que valiam para mais de quatrocentos contos, moeda forte.

Assim que recebi no Porto o conto de réis fui-me entender com a mãe do homem que meu cunhado tinha morto. Dei-lhe metade para ella desis-

tir de ser parte contra o réo. Os outros quinhentos mil réis distribui-os pelo ministerio publico e pelas testemunhas, com promessas de mais liberal galarção. Foi pois meu cunhado julgado como ausente e absolvido.

Escrevi-lhe dando-lhe a boa nova de que tinha livre entrada no seu paiz.

Tão depressa recebeu a inesperada noticia, liquidou os seus bens de fortuna e embarcou para Portugal, tanto mais contente quanto as doenças e a nostalgia lhe iam por lá minando a vida rapidamente.

Chegou ao Porto em 1857.

Fui assistir-lhe ao desembarque. Pasmei quando o vi rodeado de capitalistas portuenses que já antecipadamente haviam recebido cartas de recommendação não solicitadas. Tres barões se disputaram largo tempo a honra de conduzir meu cunhado em carruagem para suas casas; como elle, porém, recusasse hospedar-se em casa de algum, seguiram-no todos até ao hotel de Franc-fort. E como vissem meu cunhado abraçar minha mulher e chamar-lhe a sua boa irmã, trouxeram á noite as respectivas baronezas, e encheram a sala de tal modo e com tal zuniada que minha pobre mulher estava como afflicta no meio de tanta dama perlequi-

teta, que lhe fallava de coisas que ella não percebia.

Assim que nos despejaram os quartos, atirámo-nos aos braços uns dos outros a chorar de alegria.

Meu cunhado estava doente e muito desfigurado; mas, em linguagem e maneiras, era outro homem. O dinheiro refundira-o desde a alma até ao feitio dos pés. Eu, ao pé d'elle, parecia o antigo tendeiro; e elle ao pé de mim, dava ares do antigo poeta, enriquecido com os estudos e experiencia de longas viagens na Europa e Asia.

Descançados alguns dias, saímos para a provincia. A duas leguas da nossa aldeia, esperava-nos a melhoria do concelho, alguns vereadores, o regedor, o juiz eleito, as testemunhas do processo, e até o juiz que o absolvera. Meu cunhado abraçou-os um por um, e fallou a todos com muito concerto e espirito grandioso de homem que vinha disposto a engrandecer a sua terra natal. Um dos membros da junta de parochia pediu a palavra, e disse que a freguezia esperava da liberalidade de meu cunhado que sua senhoria mandasse fazer uma torre para a igreja, e botasse abaixo a lei dos cemiterios. Meu cunhado prometteu levantar torres e botar abaixo todas as leis que elles quizessem. Entrámos na freguezia acclamados pela bimbalhada de duas

sinetas, foguetes, bombas reaes, e a musica de Caminha.

Duraram breves semanas as esperanças de melhoras. Meu cunhado peiorou d'uma hepatite incuravel, e falleceu seis mezes depois, deixando-nos, á irmã, a mim e a meus filhos todos os seus teres.

Aqui tem a minha vida. Estou rico. Além de minha mulher e duas irmãs, que vem comigo, tenho tres filhos n'um collegio do Porto, duas meninas a educar nas Ursulinas aqui em Braga, onde venho todos os mezes.

Agora conte-me alguma coisa da sua vida.

— Eu tambem estou rico.

— Sim? quanto folgo!... Pois não o pensava... Sabia que você escreve sempre...

— Escrevo por vicio.

— Teve alguma herança, ou a sua fortuna é o resultado do trabalho?

— Não, senhor: a minha fortuna não é dinheiro.

— Então?!

— E' a conformidade.

— Só a conformidade?!

— E dois filhos a quem Deus entregou as chaves do thesouro das minhas alegrias. E vossa excellencia ainda faz versos?

— Versos contados pelos dedos, não, senhor.

respondeu Leopoldo Ferraz.—Versos tão sómente os faz quem tem a alma cheia de saudades ou de esperanças. Saudades... de que hei de eu tel-as? Esperanças tambem me não alvoroçam, porque sou feliz em extremo. Goso quanto desejo. Faço poemas; mas não os escrevo; digo-os no silencio do coração a minha mulher, a meus filhos e a minhas irmãs. Se me dá licença que eu lh'as apresente...

—Serei apresentado a suas excellencias com muita satisfação.

Passei o restante do dia em alegre palestra, com as tres senhoras.

Hoje de manhã nos despedimos do Bom Jesus do Monte, onde eu fiquei escrevendo, com licença do ex-professor de instrucção primaria, esta veracissima historia d'um poeta rico.

A sorte d'elle desejo cordealmente a todos os mestres-escolas do meu paiz.

Bom Jesus do Monte, 17 de agosto de 1868.

INDICE

INDICE

Rasão da obra.....	5
--------------------	---

A FREIRA QUE FAZIA CHAGAS

Capitulo I.....	9
» II.....	13
» III.....	17
» IV.....	25
» V.....	37
» VI.....	41
» VII.....	53
» VIII.....	17

O FRADE QUE FAZIA REIS

Capitulo I.....	85
» II.....	89
» III.....	117

Capitulo IV.....	125
» V.....	128
» VI.....	133

APPENDICE AS VIRTUDES ANTIGAS

A Filha do Pastelleiro de Madrigal.....	139
---	-----

UM POETA PORTUGUEZ... RICO!

Capitulo I—Poeta.....	161
» II—Rico.....	170

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 240 paginas, em corpo 8 ou 10,
excellente edição, em optimo papel.

Preço de cada volume 250 ra. brochado, ou 400 rs
elegantemente encadernado em percalina.

Para as provincias accresce o porta do correio, 20 réis cada volume

Volumes publicados

- | | |
|--|--|
| 1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas. | 16 — Esgotado. |
| 2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado. | 17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel. |
| 3 — Carmen, trad. de M. Level. | 18 e 19 — Esgotado. |
| 4 — A Feira de Paris, por Iriel. | 20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves. |
| 5 — O direito dos filhos, por George Ohnet. | 22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas. |
| 6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas. | 23 — Esgotado. |
| 7 — Esgotado. | 24 — Contos, por Affonso Botelho. |
| 8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas. | 25 — Esgotado. |
| 9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas. | 26 — O mysterio da estrada de Cintra, por Eça de Queiroz e R. Ortigão. |
| 10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel. | 27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas. |
| 11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas. | 28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita. |
| 12 — Esgotado. | 29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo. |
| 13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho. | 30 e 31 — Amor á antiga, por Caíel. |
| 15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino. | 32 — As netas do Padre Eterno, por A. Pimentel. |

- 33 — Contos, por Pedro Ivo.
 34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
 35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
 36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
 37 — Obras primas, por Chateaubriand.
 38 — O exilado, por Mauricia G. de Figueiredo.
 39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Pimentel.
 40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
 42 e 43 — Espelho de portugueses, por Alberto Pimentel.
 44 — A fada d'Autenil, trad. de Pinheiro Chagas.
 45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobe.
 46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
 47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
 48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
 49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
 50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
 51 — A flor sécca, por P. Chagas.
 52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
 53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
 54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
 55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caiel.
 56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
 57 — Dramas da córte, por Alberto de Castro.
 58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
 59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
 60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
 61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
 62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. Marquez de Sousa Hollos de Azevedo.
 64 — Triplice alliança, de Kaiel.
 65 — Retalhos de verdade, de Caiel.
 66 — A pasta d'um jornalista pelo Visconde de S. Boaventura.
 67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
 68 — Fitas de animatographo por Alberto Pimentel.
 69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
 71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
 72 — Contos e narrativas, por F. W. de Brito Aranha.
 73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
 74 — Individualidades, por Henrique das Neves.
 75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
 76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
 77 — Historias e romancetes, por Sanches de Frias.
 78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves.
 79 — Recordações da mocidade por Adolpho Loureiro.
 80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
 81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
 82 — Do Rocio ao Chiado, por de Vasconcellos.
 83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
 84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
 85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por G. F. Dupuis.
 87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
 88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.